

NOVO SITE
CANALAUTISMO.COM.BR

18 DE JUNHO,
DIA DO ORGULHO AUTISTA

'RED AZUL' NA
AMÉRICA LATINA

REVISTA AUTISMO

ANO VII - Nº 13 - JUN/JUL/AGO 2021

MION

MARCOS

EM ENTREVISTA EXCLUSIVA



ISSN 2596-0539
00013
9 772596 053005
DISTRIBUIÇÃO
GRATUITA

Foto: Thalles Trouva

A primeira rede social do mundo dedicada ao autismo

Nós acreditamos que tecnologia de última geração é unir as pessoas gerando um efeito transformador

O QUE É A TISMOO.ME?

Tismoo.me é a primeira rede social do mundo totalmente dedicada ao autismo e às síndromes relacionadas.

Uma nova forma de reunir todo o ecossistema do autismo, deixando você a apenas um toque da informação que procura. Conteúdos específicos, que se adaptam perfeitamente ao seu perfil. E com curadoria, para que seja uma informação confiável e transformadora.

Um novo modelo de rede social, pensado para que as pessoas fiquem cada dia mais próximas da medicina personalizada. Tudo isso utilizando o que há de mais moderno no mundo tecnológico: "High Touch Technology" ou alta tecnologia do toque. Uma nova abordagem tecnológica totalmente centrada no indivíduo. Ou seja, a tecnologia a serviço do afeto, do cuidado, do compartilhamento e da humanidade. Afinal, desde sua fundação, a Tismoo tem um único objetivo: aproximar você daquilo que você mesmo considera mais importante!



tismoome the autism network



CIÊNCIA

“A Tismoo.me não só vai aproximar as pessoas da ciência, mas também acelerar as pesquisas sobre autismo e, de um jeito fácil e prático, estruturar os dados com muita segurança e privacidade.”

Alysson Muotri, neurocientista e pai de autista



SAÚDE

“Não estamos falando de uma rede social comum, somente para fazer amigos. A Tismoo.me surge para conectar as pessoas em prol da saúde, conectar médicos a terapeutas, a familiares, a autistas.”

Carlos Gadia, médico neuropediatra



JORNALISMO

“Queremos não apenas entregar um conteúdo útil e personalizado a cada um, mas sinalizar o quão confiável é cada informação. É muito mais que uma rede social, é uma plataforma que irá transformar este ecossistema, em benefício da pessoa com autismo.”

Francisco Paiva Jr., jornalista e pai de autista



TECNOLOGIA

Veja como conseguir gratuitamente seu convite exclusivo acessando www.tismoo.me



Já são milhares de famílias cadastradas.
Cadastre-se e garanta seu convite.

EDITORIAL

EXPEDIENTE - Revista Autismo

Ano VII — número 13

Junho de 2021

ISSN: 2596-0539

Distribuição gratuita

Periodicidade trimestral

Tiragem deste número: 6.000 exemplares

Revista Autismo é uma publicação de circulação nacional fundada em 2010 com o objetivo de levar informação de qualidade, isenta e imparcial. A respeito de autismo, é a primeira revista periódica da América Latina, além de ser a primeira do mundo em língua portuguesa.

Editor-chefe e jornalista responsável:

Francisco Paiva Junior - MTb: 33.245
 editor@RevistaAutismo.com.br

Direção de arte e design:

Alexandre Beraldo
 xberaldo@gmail.com

Revisão e Traduções:

Márcia F. Lombo Machado
 marciaflm@gmail.com

Consultores científicos:

Alysson R. Muotri e Diogo V. Lovato

Colaboradores deste número:

Beatriz Raposo, Camilla Allí Chair, Fábio Sousa, Fernanda Barbi Brock, Guilherme Hilsdorf, Lucas Dias, Lucas Ksenhuk, Luciana Viegas, Marcelo Vitoriano, Marcio Amaral, Maurício de Sousa, Meca Andrade, Nayara Delgado, Nicolas Brito Sales, Samanta Paiva, Selma Sueli Silva, Sophia Mendonça, Soraia Cunha Peixoto Vieira, Thales Trouva, Tiago Abreu, Wagner Yamuto.

Impressão:

LaborPrint

Patrocinadores:

Grupo Método, Clínica Somar, TeaPlay e Instituto UniTEA.

Fundadores (2010):

Martim Fanucchi
 Francisco Paiva Junior

Para nos patrocinar:

comercial@RevistaAutismo.com.br

Redação: redacao@RevistaAutismo.com.br

Assinaturas: assine.RevistaAutismo.com.br

Site: RevistaAutismo.com.br

Hospedagem do site patrocinada:

Hostnet — hostnet.com.br

Redes sociais:

Facebook: fb.com/RevistaAutismo

Instagram: @RevistaAutismo

Twitter: @RevistaAutismo

YouTube: youtube.com/user/RevistaAutismo

LinkedIn: linkedin.com/company/RevistaAutismo

Versão em PDF: issuu.com/RevistaAutismo

Editado por: PAIVA JUNIOR

R. Bela Cintra, 336 - s.74-A, Consolação
 São Paulo (SP), CEP 01415-000
 CNPJ: 30.894.955/0001-09

Os artigos assinados não representam necessariamente a opinião da Revista Autismo e seus editores.

Estamos de casa nova, ao menos virtualmente! No mês de abril a **Revista Autismo** inaugurou seu novo site: o **Canal Autismo** (www.CanalAutismo.com.br). E desde 1º de maio, publica notícias diárias sobre autismo. Sim, você leu certo: notícias diárias! Todo dia uma ou mais publicações — sejam notícias, artigos, colunas, vídeos, podcasts, eventos ou ebooks — estampam o maior canal de conteúdo a respeito de autismo da América Latina. O Canal é casa digital da revista e todas as nossas demais iniciativas analógicas e digitais, como os congressos online, o ESA (programa de Empreendedorismo Social com foco no Autismo), os ebooks gratuitos (como as “Dicas de atividades para crianças, especialmente as autistas, fazerem em casa”, em parceria com o Instituto Mauricio de Sousa) e muito mais que virá por aí.

Já que o assunto é internet... Depois do Dia Mundial de Conscientização do Autismo mais online da história (por motivos óbvios), fico feliz pela maior facilidade de muitos autistas, familiares e profissionais participarem de eventos, seminários e congressos, sem sair de casa, sem precisar fazer uma viagem e podendo até participar junto com mais gente da família.

Algo impensável antes da pandemia de Covid-19, da aceleração forçada da tecnologia e da aceitação dos meios online como uma boa opção.

Por outro lado, minha preocupação nunca foi tão grande quanto às pessoas sem acesso à internet no país. Fora dessa “inclusão digital” toda que citei, autistas e familiares sem conexão nunca estiveram tão desassistidos, tão abandonados, tão invisíveis. Esta Revista Autismo ainda chega impressa a muita gente sem internet. Porém, está a anos-luz de ser o suficiente, o aceitável. Segundo o IBGE, são mais de 40 milhões de pessoas sem internet no Brasil.

Enfim, no papel ou online, vem ler esta edição, se informar e não deixe de conferir as reportagem sobre autistas LGBTQIA+, o Dia do Orgulho Autista, além da entrevista exclusiva que fiz com o pai do Romeo, Marcos Mion, a pessoa com maior visibilidade no país a falar de autismo abertamente e levar o tema à mídia.

FRANCISCO PAIVA JR.

Francisco Paiva Junior, editor-chefe da Revista Autismo, é jornalista, pós-graduado em jornalismo e segmentação editorial, autor do livro “Autismo — Não espere, aja logo!” (editora M.Books) e pai do Giovanni, de 14 anos, que tem autismo e é muito rápido para fazer contas de cabeça, e da Samanta, de 12 anos, que tem chulé e é exímia desenhista.



NOTA DO EDITOR

Você pode reproduzir nossos textos e artigos sem prévia autorização, livremente, desde que cite a fonte (Revista Autismo) e o autor — em sites, faça um link para a versão online do conteúdo. Apenas para uso comercial, é necessário solicitar autorização, escrevendo para redacao@RevistaAutismo.com.br

Para sugerir pautas e temas de reportagens, envie mensagem para o mesmo email citado acima.

Como citar artigos publicados nesta revista (padrão ABNT):

AUTOR. Título do artigo ou da matéria, subtítulo. **Revista Autismo**, São Paulo, ano da revista, número da edição, páginas inicial-final, mês ano de publicação.

Exemplo: MUOTRI, A.. Minicérebros humanos, um novo modelo experimental para o estudo do TEA. **Revista Autismo**, São Paulo, ano V, n. 4, p. 44-46, mar. 2019.

ÍNDICE

**EM DEBATE,
O DIA DO
ORGULHO AUTISTA**

pág.24

**NOVE ELEMENTOS –
COMO TORNAR SEU
FILHO/ALUNO MAIS
INDEPENDENTE?**

pág.12

**ENTRE 2
ARMÁRIOS –
AUTISTAS
LGBTQIA+**

pág.48

**EU ME PROTEJO
– VIOLÊNCIA
SEXUAL CONTRA
CRIANÇAS E PCD**

pág.36

**RED AZUL
LATINOAMÉRICA**

pág.29

**ALFABETIZAÇÃO,
AUTISMO E EDUCAÇÃO
INCLUSIVA**

pág.42

ENTREVISTA EXCLUSIVA COM MARCOS MION

SESSÕES

hq - andré e a turma da mônica	pág.07
o que é autismo?	pág.08
canal autismo	pág.38

reportagem de capa

pág.16

COLUNAS

matraquinha	pág.10
uma mãe preta escrevendo	pág.15
coluna da meca	pág.22
tudo o que podemos ser	pág.28
trabalho no espectro	pág.34
liga dos autistas	pág.45
introvertendo	pág.46



REVISTA
AUTISMO

Leia este QR-code
com seu celular e
acesse a versão online
desta edição com
conteúdo extra.



Nossos Canais

Acompanhe nossas redes sociais e compartilhe. Nós postamos sempre informação de qualidade,

com fontes seguras. Siga nossos perfis, deixe seu comentário e interaja com os demais leitores.

Se quiser nos enviar uma sugestão de pauta, envie-nos para este email abaixo.

#RESPECTRO

www.RevistaAutismo.com.br

Assinaturas:
assine.RevistaAutismo.com.br

redacao@RevistaAutismo.com.br

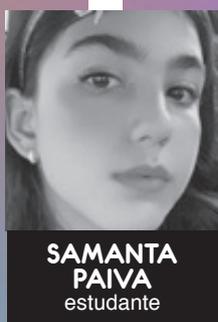
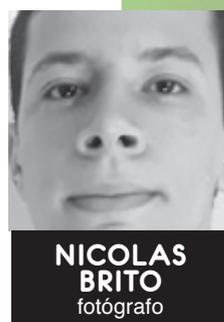
 twitter.com/RevistaAutismo

 fb.com/RevistaAutismo

 youtube.com/user/RevistaAutismo

 linkedin.com/company/RevistaAutismo

 instagram.com/RevistaAutismo



COLABORADORES DESSA EDIÇÃO



ANDRÉ em COISAS ESQUISITAS

© Instituto Mauricio de Sousa - Brasil / 2021



FIM



CONTEÚDO EXTRA ONLINE

Use o QR-code que está no índice desta edição para ir ao site.

O QUE É AUTISMO?

Saiba a definição do Transtorno do Espectro do Autismo

O autismo — nome técnico oficial: Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) — é uma condição de saúde caracterizada por déficit na comunicação social (socialização e comunicação verbal e não verbal) e comportamento (interesse restrito ou hiperfoco e movimentos repetitivos). Não há só um, mas muitos subtipos do transtorno. Tão abrangente que se usa o termo “espectro”, pelos vários níveis de suporte que necessitam — há desde pessoas com condições associadas (cocorrências), como deficiência intelectual e epilepsia, até pessoas independentes, que levam uma vida comum. Algumas nem sabem que são autistas, pois jamais tiveram diagnóstico.

As causas do autismo são majoritariamente genéticas. Confirmando estudos recentes anteriores, um trabalho científico de 2019 demonstrou que fatores genéticos são os mais importantes na determinação das causas (estimados entre 97% e 99%, sendo 81% hereditário — e ligados a quase mil genes), além de fatores ambientais (de 1% a 3%) ainda controversos, que também podem estar associados como, por exemplo, a idade paterna avançada ou o uso de ácido valpróico na gravidez. Existem atualmente 1.003 genes já mapeados e implicados como possíveis fatores de risco para o transtorno — sendo 102 genes os principais.

Tratamento e sinais

Alguns sinais de autismo já podem aparecer a partir de um ano e meio de idade, e mesmo antes, em casos mais graves. Há uma grande importância em iniciar o tratamento o quanto antes — mesmo que seja apenas uma suspeita clínica, ainda sem

diagnóstico fechado —, pois quanto mais cedo começarem as intervenções, maiores serão as possibilidades de melhorar a qualidade de vida da pessoa. O tratamento psicológico com maior evidência de eficácia, segundo a Associação Americana de Psiquiatria, é a terapia de intervenção comportamental. O tratamento para autismo é personalizado e interdisciplinar. Além da psicologia, pacientes podem se beneficiar com fonoaudiologia, terapia ocupacional, entre outros, conforme a necessidade de cada autista. Na escola, um mediador pode trazer grandes benefícios no aprendizado e na interação social.

Alguns sintomas como irritabilidade, agitação, autoagressividade, hiperatividade, impulsividade, desatenção, insônia e outros podem ser tratados com medicamentos, que devem ser prescritos por um médico. Dentre os medicamentos indicados, a risperidona, que é da classe dos antipsicóticos atípicos, é o mais comum.

Em 2007, a ONU declarou todo 2 de abril como o Dia Mundial de Conscientização do Autismo, quando cartões-postais do mundo todo se iluminam de azul (cor escolhida por haver, em média, 4 homens para cada mulher com TEA).

O símbolo do autismo é o quebra-cabeça, que denota sua diversidade e complexidade.

O dia 18 de junho é o Dia do Orgulho Autista (simbolizado pelo infinito nas cores do espectro do arco-íris, representando a neurodiversidade), considerando o autismo como identidade, uma característica da pessoa — data celebrada originalmente

em 2005, pela organização britânica *Aspies for Freedom* (AFF).

Consulta médica

Veja a seguir alguns sinais de autismo. Apenas três deles numa criança de um ano e meio já justificam uma consulta a um médico neuropediatra ou a um psiquiatra da infância e da juventude. Testes como o M-CHAT (com versão em português) estão disponíveis na internet para serem aplicados por profissionais.

Todas as referências, links e mais informações estão na versão online.

Sinais de autismo:

Não manter contato visual por mais de 2 segundos;

Não atender quando chamado pelo nome;

Isolar-se ou não se interessar por outras crianças;

Alinhar objetos;

Ser muito preso a rotinas a ponto de entrar em crise;

Não usar brinquedos de forma convencional;

Fazer movimentos repetitivos sem função aparente;

Não falar ou não fazer gestos para mostrar algo;

Repetir frases ou palavras em momentos inadequados, sem a devida função (ecolalia);

Não compartilhar interesse.

Girar objetos sem uma função aparente;

Apresentar interesse restrito por um único assunto (hiperfoco);

Não imitar;

Não brincar de faz-de-conta.

Hipersensibilidade ou hiper-reatividade sensorial;



Grupo Método

Intervenção Comportamental

O Grupo Método é um Centro de Intervenção Comportamental Interdisciplinar, que oferece atendimento para indivíduos com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), deficiência intelectual e/ou outros transtornos do desenvolvimento.

Além de excelência na intervenção baseada em ABA, o Grupo Método também tem atuado na disseminação de conteúdos com base científica para pais e profissionais. Entre os conteúdos já disponíveis temos quinzenalmente um texto no blog do nosso site sobre assuntos bem relevantes. Em breve estaremos com novos conteúdos!

O Grupo Método também possui um compromisso com a formação de profissionais que atuam no atendimento de indivíduos com TEA e/ou outros transtornos do desenvolvimento. Os principais cursos ou treinamentos disponíveis no momento são:

- Segurança em Crises Agressivas (SCA)
- Treinamento de Aplicadores ABA
- Mentorias com temas específicos.

Para saber mais sobre nossos serviços, conteúdos, cursos e mentorias acesse nosso site gmetodo.com.br

Nossos endereços:

Unidade I - PPA491
Av. Padre Pereira de Andrade, 491
Boaçava - São Paulo/SP

Unidade II - PPA717
Av. Padre Pereira de Andrade, 717
Boaçava - São Paulo/SP

Unidade III - PPA669
Av. Padre Pereira de Andrade, 669
Boaçava - São Paulo/SP

Unidade IV - PPA405
Av. Padre Pereira de Andrade, 405
Boaçava - São Paulo/SP

 gmetodo.com.br

 + 55 (11) 5083-6413 • 3022-5944

 atendimento@gmetodo.com.br



 [grupometodoic](https://www.facebook.com/grupometodoic)

 [grupometodointervencao comportamental](https://www.youtube.com/grupometodointervencao comportamental)

 [company/grupometodoic](https://www.linkedin.com/company/grupometodoic)

 [gmetodo](https://www.instagram.com/gmetodo)

NÃO ESTÁ SENDO FÁCIL PRA NINGUÉM



Wagner Yamuto

é pai do Gabriel (que tem autismo) e da Thata, casado com a Crazy Yamuto, fundador do Adoção Brasil, criador do app Matraquinha, autor e um grande sonhador.

-  [matraquinhaoficial](#)
-  [@matraquinhaoficial](#)
-  [matraquinha](#)
-  [matraquinha.com.br](#)

Ilustração: Bia Raposo - @biabiaraposo

Segundo os especialistas, as rotinas trazem mais conforto e segurança para que nossas crianças não precisem lidar com o inesperado e desde o começo ficou muito clara a importância delas em nossas vidas.

Conseguimos seguir rotinas?

Quase sempre, mas existem fatores externos que não conseguimos controlar e esse é o problema.

Hoje o Gabriel tem 12 anos, as terapias fazem parte de nossas vidas há 10 anos, e sempre procuramos trabalhar com a principal dificuldade que ele possui: as interações sociais.

“Bom dia.”

“Boa tarde.”

“Boa noite.”

“Tudo bem?”

“Tudo, e com você?”

Pois bem, em março de 2020, o mundo foi surpreendido por uma pandemia cuja principal ferramenta de contenção é o distanciamento social.

Agora, me diga, como explicar para o meu filho que tudo o que ele fazia antes tem que ser feito de outro jeito?

Os abraços e apertos de mão, que ele tanto adora, devem ser feitos à distância com um breve acenar, ou o famoso “soquinho”, ou a batida de antebraço.

Aos 5 anos de idade, meu filho abraçava manequim de lojas. Você tem ideia do que é isso?

Ele também frequentava uma escola regular e que, de forma repentina, foi excluída de sua rotina, assim como as terapias, as visitas à casa da vovó, vovô, tios e amigos...



#RESPECTRO

Sabe o que aconteceu? Está sendo o caos na terra.

Não sei na sua casa, mas aqui ficou e está sendo bem difícil. Se não é fácil para um adulto, tento imaginar o que se passa na cabecinha dele.

Além de tudo isso, ele não consegue usar a máscara, o que deixa nossas opções bem mais restritas.

Passamos os dias sobre momentos de gritos, choros, crises, e ele até começou a roer as unhas, coisa que nunca tinha feito antes. Por outro lado, não posso negar que existem momentos de interação, diversão, abraços, risadas e muito amor.

Lembre-se de que não está sendo fácil pra ninguém, e nem devemos usar isso como consolo, mas precisamos nos cuidar, porque para cuidar de nossas crianças, antes de mais nada, precisamos estar bem.

Precisamos cuidar de nossa saúde física e mental, por isso, alimente-se bem, durma bem, beba bastante líquido e tente reservar alguns minutos para si mesmo. Tente combinar esse tempo com o seu marido, ou esposa, ou companheiro(a). Comece com 15 minutos.

Se você não tem um parceiro, veja se alguém de sua rede de apoio pode ajudar, ligue para seu irmão, seu pai, sua mãe, seu amigo, vizinho etc. Acredito que eles entenderão o seu pedido.

Dê uma volta no quarteirão, só você com seus pensamentos. Demore cinco minutos a mais no banho. Assista a um filme. Escute uma música. Dance como se não houvesse

amanhã. Mas faça alguma coisa por você.

Eu sei que dizem que somos fortes, fomos escolhidos pelo universo e mais aquele monte de adjetivos que nos colocam em um pedestal de heróis, mas não somos.

Criamos uma armadura emocional para nossa proteção e de nossas crianças, mas debaixo dessa armadura há alguém com sentimentos, que sofre e chora igual a qualquer um. E também precisamos de alguém que cuide da gente.

Se você precisar de um ombro amigo, tenho dois pra lhe emprestar.

Fique bem!





SORAIA VIEIRA

#RESPECTRO

Soraia Cunha Peixoto Vieira é fonoaudióloga, mestre em estudos linguísticos pela Universidade de Londres, tem curso avançado de autismo credenciado pela Universidade de Cambridge, na Inglaterra. Diretora geral da Pyramid Consultoria Educacional do Brasil, tem uma sólida experiência de trabalho com crianças e adultos com ampla gama de dificuldades de comunicação por razões variadas: físicas, mentais, sociais e emocionais. O primeiro curso PECS que frequentou foi em 2002 e, desde então, PECS tornou-se parte de sua prática diária.

Nove elementos

Como tornar seu filho/aluno o mais independente possível? Como prepará-lo para o futuro? O que ensinar? Como ensinar?

M

uitos anos atrás, enquanto dirigia um programa numa escola estadual para alunos com autismo, o Dr Andy Bondy, PhD, (co-criador do PECS-Sistema de Comunicação por Troca de Figuras) desenvolveu a **Abordagem Educacional em Pirâmide®**. A Abordagem em Pirâmide é uma estrutura abrangente para estabelecer e apoiar ambientes de aprendizagem eficazes e aptos a ensinar pessoas com dificuldades variadas em qualquer ambiente: escola, casa, comunidade.

O Dr. Andy Bondy escolheu a forma de uma pirâmide como um guia visual para esse processo, por causa da interdependência de todos os componentes e para nos lembrar que a



construção de uma pirâmide estável começa com uma base sólida. A Abordagem em Pirâmide combina uma ênfase na comunicação funcional com as melhores estratégias baseadas em evidência no campo da Análise Comportamental Aplicada (ABA). Os nove elementos da Abordagem Educacional em Pirâmide são áreas importantes dentro da ABA.

O que ensinar?

O Dr. Andy Bondy reconheceu que alguns elementos importantes de ABA devem ser abordados primeiro. Estes servem como base, ou elementos básicos, da pirâmide. Se esses elementos não forem devidamente abordados, a lição pode não ser tão eficaz. Os elementos são: atividades funcionais, reforços, comunicação e comportamento.

1 Atividades Funcionais: Habilidades ensinadas hoje devem ter utilidade para seu filho/aluno no presente ou no futuro. É preciso envolver seu filho/aluno em atividades relevantes, com os materiais mais úteis para ensinar essas competências. Durante essas atividades, o foco se dirige a alcançar um objetivo de cada vez.

2 Reforços Poderosos: É necessário avaliar as questões motivacionais, planejando o uso de reforços poderosos apoiando-se em princípios simples, tais como usar a estratégia do “reforço-primeiro” e sistemas de reforço visual. Se a atividade não for motivadora pode-se acrescentar um reforçador. Pode-se começar com acordos simples: “Para ganhar” –/“Faça”– e depois avançar para cartões visuais mais complexos: “Estou trabalhando para_”.

3 Comunicação Funcional e Habilidades Sociais: Ensinar ou aperfeiçoar certas habilidades essenciais de comunicação funcional, independentemente de qual seja a modalidade usada por seu filho/aluno (PECS®, língua de sinais, vocalizadores, fala etc). Se ele ainda não tiver um meio de comunicação, a sugestão é iniciar a implementação do PECS. Aprender as habilidades essenciais de comunicação é crucial para a independência dele. Existe um webinar gratuito, “Uma imagem clara: o uso e benefícios do PECS®”, disponível no site <https://pecs-brazil.com/videos/>.

4 Comportamento Contextualmente Inadequado:
Ao implementar os

três primeiros elementos, provavelmente haverá menos comportamentos inadequados. Se mesmo assim eles ocorrerem, é preciso determinar a razão de estarem ocorrendo, ou como estão funcionalmente relacionados com acontecimentos circundantes. Uma vez determinado o motivo, cabe ensinar o comportamento substituto que tenha a mesma função: um comportamento alternativo funcionalmente equivalente.

Como ensinar?

Assim como a construção de uma pirâmide começa com a criação de uma fundação firme antes de construir o corpo do edifício, a Abordagem da Pirâmide começa com uma base forte, contando com uma abordagem baseada na ciência da aprendizagem.

Uma vez implementados os elementos da base, é hora de começar a abordar os elementos do topo da pirâmide, relacionados com o “como” ensinar. Estes são os elementos instrucionais: generalização,

lições eficazes, estratégia de ensino, correção de erros e coleta de dados.

5 Generalização: As metas de longo prazo são planejadas antes do início do ensino, abordando tanto a generalização do estímulo quanto da resposta. A generalização deve ser planejada antes da primeira aula.

6 Lições Eficazes: Identificar se o tipo de habilidade a ensinar é uma lição discreta (direta e curta) ou sequencial (série de pequenas etapas), e também se será iniciada pelo filho/aluno ou iniciada por você.

7 Estratégias de Ensino: Identificar as estratégias específicas de ajuda ou modelagem mais adequadas ao tipo de lição. Mais uma vez, antes de ensinar a primeira lição, é necessário um plano para eliminar a ajuda de modo que a nova habilidade ou comportamento ocorra em resposta a estímulos naturais e não à ajuda, visando atingir a independência.

8 Correção de Erros: Esteja pronto para o erro, quando ele ocorrer, para que seu filho/aluno tenha oportunidade de aprender. Planejar estratégias de correção de erros que levem à aquisição rápida de habilidades.

9 Coleta e Análise dos Dados: Finalmente, todo o modelo assenta-se sobre este elemento porque não há lições perfeitas. A coleta e análise de dados são a “cola” que mantém tudo junto. É preciso monitorar se seu filho/aluno está progredindo e, se não estiver, planejar alterações da lição de forma sistemática.

Ao implementar a Abordagem Educacional em Pirâmide, você construirá um ambiente de aprendizagem eficaz que resultará em progresso e maior independência para seu filho/aluno. 📌

 AUTISMOSOMAR  AUTISMOSOMAR.COM.BR

QUASE DUAS DÉCADAS ENTREGANDO AMOR.

UNIDADES (PE)

NOVA UNIDADE

PIEDADE

Rua Coronel Waldemar Basgal 344

TORRE

Rua Marquês de Maricá, 48
(81) 3441-5656
(81) 3039-5656

BOA VIAGEM

Rua Dona Benvenida de Farias, 465
(81) 3465-3913

OLINDA

Rua José Batista da Costa Azevedo, 37
(81) 3039-5656




SOMAR
Special Care

Uma mãe preta escrevendo

QUANDO ME PERCEBI AUTISTA?

Essa pergunta ecoou na minha cabeça nos primeiros dias que surgiu a suspeita de ser autista.

Eu ouvi tantos “não” categóricos, tanta gente gabaritada e que “estuda” o tema falando que eu não era autista, afinal não tinha “cara” (nem cor) de autista.

E eu acreditei! Acreditei que autismo não era pra mim, que eu era só um somatório de erros e falhas, e talvez não tivesse “dado certo” ainda.

Isso mexeu profundamente com a minha autoestima e com a minha segurança desde a infância. Apesar de sempre ter uma fala assertiva sobre os temas do meu hiperfoco, uma conversa normal pra mim era, e continua sendo, cansativa por não conseguir estabelecer um contato direto.

Conversando com mais amigas pretas e autistas, percebi que todas passamos a vida tentando romper essa baixa estima, esse olhar tão ruim que nos dão (a autora bell hooks fala disso). Quando percebemos

que somos autistas, toda nossa vida passa a fazer sentido.

A maioria das mulheres negras que são autistas são autodiagnosticadas. Ninguém usa o autismo como muleta, assim sendo, reconhecer-se autista diz muito sobre a maneira de a Saúde nos tratar. À margem de todos, rotulam-nos a qualquer custo sob o diagnóstico de diversas doenças mentais, somos submetidos a tratamentos invasivos e indevidos para conter crises que não são sensoriais. Somos dopados, vistos como casos perdidos, quando deveríamos ter a atenção de médicos com olhares mais cuidadosos, médicos com vontade e competência para romper a barreira de estereótipos racistas, da mulher negra vista como desequilibrada, forte e totalmente fora de si.

Os casos são inúmeros, passei por muitos psicólogos que olharam pra mim e me trataram com desdém. Duvidavam e chegavam a dizer que eu estaria “inventando” sintomas.

Quando eu falo em “empretecer” a luta autista, é sobre isso. Sobre ainda termos uma referência racial e heteronormativa, quase uma norma, pressupondo que, para ser autista, a pessoa deve ser branca.

Aqui, eu me dirijo a minhas irmãs e irmãos autistas, pretas e pretos: você não é um bocado de erros e falhas. Você não é desequilibrado(a) e fora de si. Você é autista e “prete”!

A sociedade não foi feita pra nós, ela não quer incluir. Há muitos processos que precisamos romper.

Sua palavra tem valor e você tem voz. A luta é coletiva e ela também é nossa.



Luciana
Viegas

É autista, mãe do Luiz (autista) e da Elisa, professora da Rede Estadual de São Paulo. Ativista pela neurodiversidade e membro da ABRAÇA. Atua nas redes falando sobre a relação entre a luta antirracista e anticapacitista.

 @umamaepretaautistafalando

Ilustração: tio .falso - @seeufalarnaosaaidireito



MARCOS MION

Uma entrevista exclusiva
com o pai do Romeo

Fotos de Marcio Amaral e Thalles Trouva

S

abe aquele papo que a gente tem na varanda, num domingo de sol, com alguém que não vemos há muito tempo? Foi assim que me senti nesta entrevista exclusiva que Marcos Mion concedeu à Revista Autismo.

Um papo de mais de uma hora, da maneira mais franca e aberta possível, sem evitar nenhum assunto e com uma riqueza de detalhes que só a versão em vídeo, que está no nosso canal do Youtube, poderá lhe mostrar. *(No final da entrevista, tem um QR-Code para a versão online desta entrevista, com todo o material extra e vídeos.)*

Sintetizo aqui os pontos mais importantes da conversa e tento dar a dimensão da pessoa com maior visibilidade no Brasil a falar abertamente a respeito de autismo. Mais que isso, a ser mais um ativista da causa.

Revista Autismo — Como você chegou à suspeita de que o seu filho mais velho, Romeo, tinha um atraso no desenvolvimento?

Marcos Mion — Antes de contar a nossa história, eu gosto de reforçar que ela não é um exemplo, não é o ideal. Venho de uma família de médicos e, por isso, não se encaixa na maioria dos exemplos de casos do nosso país. Logo no nascimento do Romeo, minha mãe já me puxou de lado e me deu o alerta: “Eu acho que tem alguma coisa!”. Pra mim, foi o mesmo que ouvir “Seu filho é a coisa mais linda do mundo!”, não fez nenhuma diferença. O Romeo nasceu com uma luxação congênita, o autismo veio só depois. A minha postura quanto à situação do Romeo e como eu levo isso hoje em dia está ajudando muito a mudar a forma com que as pessoas encaram o autismo. No começo, eu recebia muitas mensagens lamentando, com tristeza. E hoje, por incrível que pareça, mudou muito. A maioria dos recados que eu recebo são de pais e mães felizes. Que tiveram a aceitação de uma forma muito positiva e muito simples. De certa forma — e falo isso com muita humildade —, pelo holofote que eu coloco na situação, ouço muito assim: “Cara, meu filho é igual ao do Marcos Mion! E o filho dele é incrível”. Então, essa mudança de foco e de *approach* pro transtorno ou para a deficiência é uma enorme vitória. Juro pra você que eu não gastei um minuto da minha vida lamentando. Simplesmente entendi, aceitei, aprendi, me adaptei, segui em frente e agradei. Ter meu filho era o sonho da minha vida. Não me interessa se meu filho veio autista, neurotípico, verde com bolinhas rosa ou deficiente físico. Nada disso foi importante para mim e não é até hoje. Foi o maior presente que Deus poderia me dar: me dar a honra de ser o guardião de um anjo na Terra. E eu falo “anjo”! Sei que tem um monte de autistas que não gostam e tudo bem. Cada um fala o que quer, faz o que quer. Eu encaro dessa forma os autistas do nível do meu filho, considero anjos porque eles não trabalham com palavras, eles trabalham com amor, com coisas etéreas. É diferente de um autista leve que consegue argumentar, se defender, ter voz ativa. Meu filho e inúmeros autistas não têm. É uma pessoa que “cai”, ilumina e muda a vida de todos ao redor, essas pessoas iluminam as outras. É um efeito cascata de amor, de pureza, de rever os conceitos. Então, eu falo, sim! Meu filho é um anjo. Eu sou a voz dele. Ele não consegue lutar pelos direitos dele e age 24 horas baseado em sentimento, em amor, em decepção, em alegria, em tristeza... algo muito puro. É bom eu poder falar isso, pois eu sei que tem um movimento enorme, e muitas vezes vem contra mim, que eu virei a referência de ver



ROMEO

o autismo com positividade. Muitos acham que vivo um autismo “café-com-leite”. Porque você tem dinheiro para terapias, para tirar seu filho do país. Óbvio que sou privilegiado e tenho condições de dar o melhor para o meu filho e é exatamente por isso que eu me imponho a obrigação de lutar por todos os autistas. Nada que você faça para beneficiar só você ou os seus vale a pena. Você tem que beneficiar o maior número de pessoas possível, sempre. Esse é o lema da minha vida. Eu faço tanta coisa, não só pelas leis, mas temos um grupo no Facebook [chamado “Comunidade Pró-Autismo”], com mais de 260 mil pessoas, que virou um centro de apoio, de alento, de informação. Então, independente da condição financeira, o autismo não muda. A genética que funciona é igual para qualquer um que recebe o diagnóstico. Se eu quiser fazer um relato de sofrimento, de dor, de desespero, eu preciso de meio segundo pra começar.

RA — *Você escolheu o caminho da positividade?*

Mion — Exatamente. Esse é o ponto, Paiva. Ontem eu passei 10 minutos tentando explicar ao Romeo como pendurar uma toalha num gancho. Eu não quis fazer por ele, quis fazer ele entender. Se a gente quiser contar essa história, de um menino que vai fazer 16 anos e não consegue ter o cognitivo para entender como pendurar uma toalha no gancho, posso contar, tem todos os dias. A minha dificuldade como pai é igual a de todos os pais. A essência é a mesma. Então é uma decisão diária minha encarar como uma bênção, como uma positividade.

RA — *Você considera ter sido lapidado pelo Romeo? Isso também foi uma opção?*

Mion — Sem o Romeo eu não teria conseguido nada na minha vida. Eu era muito egocêntrico! Foi me dada a chance de me lapidar. O número de homens que vão embora quando a



Suzana, Romeo e Marcos.

família recebe um diagnóstico de [um filho com] autismo ou qualquer outra deficiência é gigantesco. Ficar é amar. Virar as costas e ir embora é muito fácil. Se alguém que abandonou a família estiver lendo isso, volte, ainda dá tempo, o propósito que Deus te deu, seu filho, sua família estão lá. Volta, pois eles precisam de você.

RA — *O diagnóstico mesmo do Romeo veio quando?*

Mion — Quando ele tinha sete ou oito anos. A gente já trabalhava desde um ano, um ano e meio. Não começamos só depois do diagnóstico. Por isso eu digo que minha história é diferente. Recomendo o diagnóstico sempre o quanto antes, mas eu tenho que ser sincero que, na minha vida, o diagnóstico veio muito tempo depois, pois já estávamos trabalhando desde o início.

RA — *Como foi a decisão de tornar público o autismo na sua vida? Você poderia manter sua privacidade e ninguém saber que o Romeo é autista e isso teria de ser respeitado, como muitos famosos devem fazer.*

Mion — Foi difícil. Tudo que foi muito fácil na aceitação, nessa parte foi muito difícil por medo. A gente não tinha



ideia de como as pessoas iam receber isso, além de ser uma exposição grande de um filho, né!? E, na época, não tinha uma referência. Com toda humildade, mas não tinha um Marcos Mion com milhões de seguidores para falar tão aberta e claramente sobre autismo. Eu não fui o primeiro artista a ter um filho ou um parente com autismo! Chegou um momento, que conversei com minha mulher, e a gente cansou de viver de uma forma... escondida! Aí fiz um texto nas redes sociais falando, explicando isso, saiu publicado em outros veículos grandes de mídia e esse texto virou meio que um símbolo. É, de longe, o meu conteúdo mais replicado!

RA — *Qual a primeira lição que o Romeu te ensinou?*

Mion — Não é nem a primeira, mas uma lição que eu tenho todos os dias: todo dia eu tenho que passar por cima de mim. Todos os dias eu tenho que parar alguma coisa importante para escovar os dentes dele, para dar banho nele, para ajudá-lo nas coisas mais corriqueiras para pessoas com 15 anos de idade (Romeo faz 16 dia 23.jun.2021). E você ter essa responsabilidade te faz ver as coisas de uma forma muito diferente, mais altruísta. O foco não pode ser você, não pode ser a pessoa, tem que sempre ser o próximo.

RA — *O que te motivou a lutar por leis, como a Lei Romeo Mion, com a carteira de identificação dos autistas, e a que inclui perguntas sobre autismo no Censo Demográfico?*

Mion — Não fiz sozinho, fui um instrumento. Eu estava lá com ativistas, mães, pais, com décadas de trabalho em cima disso a mais do que eu. Me honra somar ao trabalho dessas pessoas. Aí a gente volta para a questão do propósito: não preenche a minha alma saber que dou para o meu filho o melhor e ver milhões de pessoas não conseguindo as mesmas condições para os seus filhos.

Família Mion, em 2019: Suzana, Romeo, Marcos, Stefano e Donatella.

“Temos um grupo no Facebook com mais de 260 mil pessoas, que virou um centro de apoio, de alento, de informação”



arquivo pessoal

“Simplesmente
entendi, aceitei,
aprendi, me
adaptei, segui em
frente e agradei”



Romeo, Marcos
e o recém-che-
gado Pudim.

Aí enveredei para o lado das políticas públicas, com influência da Fátima de Kwant e da Berenice Piana, que são pessoas que considero minhas mentoras no autismo. Aliás, graças à Fátima existe a Comunidade Pró-Autismo no Facebook, que considero trazer mais benefícios que uma lei, afinal são mais de 260 mil pessoas sendo beneficiadas com carinho e informação diariamente. Os livros, colunas, vídeos, textos que publico também ajudam muita gente. E, na lei do Censo, especificamente, a equipe do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) e dos ministérios da Saúde e Educação me convenceram [ainda em 2019, antes da pandemia] de que o Censo não era o melhor caminho para ter

a informação de quantos autistas temos, que teríamos formas melhores, menos arcaicas, como a Pnad (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio), também do IBGE. Porém, o presidente da República, na hora de sancionar, me perguntou se eu queria ou não. Mesmo convencido de que não, eu disse que sim, pois eu estava lá representando outras pessoas e não a minha vontade. Todos com quem eu havia conversado antes, para me preparar, ativistas e instituições, sempre disseram sim. Fui fiel a eles. Já na lei da carteira de identificação tive um envolvimento maior, fui atrás de fazer isso acontecer, porque sempre achei uma grande necessidade.

RA — *Você tem consciência de que é a pessoa com maior visibilidade no Brasil a falar de autismo?*

Mion — Tenho noção dessa responsabilidade, por isso meu cuidado de sempre estar embasado para falar no assunto, para representar milhões de pessoas e o motivo da positividade e de encarar o autismo como uma bênção, pois já é difícil para as pessoas receberem o diagnóstico.



RA — *E isso tem um preço, né?*

Mion — Tem. A comunidade sabe que eu sou “caçado”. Sou muito blindado e nem sempre as coisas chegam até mim. Tem gente que chega a dizer que falo de autismo para ficar famoso (risos). Os vídeos de menor engajamento nas minhas redes sociais são os que eu falo sobre autismo. Com mais de 20 anos de televisão, a última coisa que a causa me traz é fama. O que ela me traz é propósito!

RA — *Com essa sua superexposição, imagino que venham também “superproblemas”, como pessoas que te condenam por chamar autistas de anjos, ou de infantilizar, ou ainda por chamar de bênção. Como você lida com isso?*

Mion — Não chega diretamente até mim, mas sei que acontece aqui e ali. Eu abro espaço para todos. Eu já gravei matérias com autistas que me disseram: “O que eu vou ouvir por estar aqui com você, dando entrevista!”. E depois que acaba, falam: “Que bom que sentei com você para esta entrevista. Obrigado pelo que você faz por nós, pela causa!”. Eu não trabalho para ser o destaque, trabalho para colocar a nossa causa no holofote e conseguirmos políticas públicas e respeito para os autistas. Temos que estar unidos para batalhar contra o preconceito.

RA — *O que você mais deseja para os autistas no Brasil?*

Mion — A aceitação popular da nossa causa, da forma autista de existir, levando em conta que não existe uma forma padrão, pois ainda vejo muito preconceito. E políticas públicas eficientes, pois, infelizmente, a maior parte da nossa população não tem condições de ter terapias e capacitação.

RA — *Tem alguma novidade, algum projeto a respeito de autismo que você possa me contar?*

Mion — Agora, na Netflix, vamos fazer a tradução e dublagem de “Amor no Espectro”, uma série maravilhosa

que fala sobre relacionamentos. Inclusive me pediram que alguém no espectro acompanhasse a gravação para dar o tom certo na dublagem. Aí chamei a Kenya [Diehl], que trabalha comigo na Comunidade Pró-Autismo e é a primeira autista adulta com quem eu converso frequentemente, e ela me dá muitos insights. E, claro, tem outros projetos que, infelizmente, não posso contar ainda, mas vocês vão ficar sabendo. 🇺🇸

“Eu não trabalho para ser o destaque, trabalho para colocar a nossa causa no holofote”



CONTEÚDO EXTRA ONLINE

Use este QR-code para ir ao site e acessar conteúdo extra.



Romeo

Coluna da Meca



Meca Andrade

é psicóloga, com mestrado em Análise Aplicada do Comportamento pela Northeastern University (EUA), diretora do Grupo Método.



OS MUITOS TONS DO AUTISMO

Sobre o contexto que inspirou o texto desta coluna, ele envolveu circunstâncias bem peculiares: recentemente, participando de uma live organizada por um colega, tive que responder a uma pergunta inesperada que me deixou numa bela saia justa. Já no final do encontro, meu colega pediu minha opinião sobre o seguinte tópico: considerando os casos de autismo grave e de autismo leve que têm tão poucas características em comum, qual seria a minha opinião sobre usarmos a mesma categoria diagnóstica para fins de classificação e tratamento?

Para minha sorte, a live excedeu o tempo permitido pela plataforma e a resposta acabou não sendo transmitida, nem foi gravada. Não que minha resposta tenha sido péssima, mas respondi sem a necessária reflexão. Privilégio esse que tenho agora.

Do que meu colega estava falando? Ele se referia ao fato de que, desde 2013, com a publicação do DSM V, temos olhado para o autismo como uma categoria diagnóstica

abrangente que envolve vários graus. O transtorno do espectro autista, como descrito no referido manual, é caracterizado por alterações

na comunicação social e comportamentos repetitivos ou interesse restrito que se manifestam na infância e podem ou não ser acompanhados por marcadores genéticos identificáveis. Dentro ainda dessa categoria diagnóstica (e, repita comigo, autismo é uma categoria diagnóstica inventada pelas pessoas, não uma essência humana criada por um deus), distingue-se entre ocorrências graves, moderadas e leves.

A distinção entre os diferentes níveis de autismo é mais complexa do que pode parecer. É comum associarmos deficiência intelectual e ausência da fala ao autismo grave. E isso, quase sempre, se mostra adequado. Mas a classificação, tal como sugerida, envolve principalmente o grau de comprometimento funcional e o nível de suporte que

Ilustração: Beraldo (@xandeberaldo)



o indivíduo necessita.

Dentro dessa nova categoria, portanto, colocamos os indivíduos que antes eram classificados como Asperger, os indivíduos com formas leves de autismo, aqueles com habilidades sensoriais e também aqueles com as formas mais graves. Todos autistas. Não como se fossem iguais, mas como se tivessem o suficiente em comum para serem considerados juntos para fins de diagnóstico e tratamento (sim, é para isso que servem os manuais diagnósticos).

A questão diretamente colocada por meu colega, portanto, foi: será que há o suficiente em comum para ser útil uma categoria diagnóstica única e abrangente como essa? Nas entrelinhas, no entanto, havia muito mais do que apenas isso... Será que é positivo que eles tentem representar uns aos outros? Será que eles precisam dos mesmos cuidados e proteção?

Para explorar um pouco, tanto a questão principal como as entrelinhas da pergunta, vamos revisitar a história dessa alteração diagnóstica: O DSM V, principalmente a categoria "Autismo", sofreu uma mudança profunda que se iniciou por volta de 2009 (talvez um pouco antes), embora a publicação do manual tenha ocorrido apenas em 2013. Foi muito controverso o processo que resultou nessa alteração. Na ocasião, eu ainda morava nos arredores de Boston, nos Estados Unidos, bem próximo de onde os "bam-bam-bans" da ciência se reuniam para produzir os novos critérios. Conversávamos sobre isso no cotidiano do trabalho e acompanhávamos as notícias e os rumores. Não havia consenso nem entre nós. A questão maior era — e continua sendo — a eliminação de uma categoria separada — Asperger — para essa forma tão peculiar de transtorno de desenvolvimento.

Por que foi feita essa mudança? Porque fazia sentido do ponto de vista da ciência? Porque eles têm o suficiente em comum para serem tratados do mesmo

jeito? Talvez houvesse argumentos nesse sentido, não sei dizer. Mas conheço outros argumentos também. Para citar apenas alguns eventos mais relevantes, em 1990 foi criado nos Estados Unidos um conjunto de leis extremamente robusto que expandia e aprofundava a legislação anterior. Essa legislação, conhecida como IDEA (Individuals with Disabilities Education Act), entre outras coisas, incluía o autismo na categoria de deficiência e garantia a essa população todas as coberturas educacionais que já se aplicavam (EAHCA, 1975, 94-142) a indivíduos com outras deficiências. Foi uma mudança gigantesca nas coberturas para os autistas. Difícil descrever a quantidade de ganhos diretos e indiretos, de benefícios, proteções e direitos que isso trouxe aos autistas. Os anos que se seguiram apenas aumentaram e sofisticaram esses ganhos com outras mudanças nos textos originais da legislação.

Porém, um grupo importante ficou esquecido nesse processo. Ficou à margem dos milhões de dólares do governo federal americano destinados a programas educacionais e de apoio (incluindo as especialidades que aqui no Brasil são restritas à saúde). Foi o grupo com diagnóstico de Asperger.

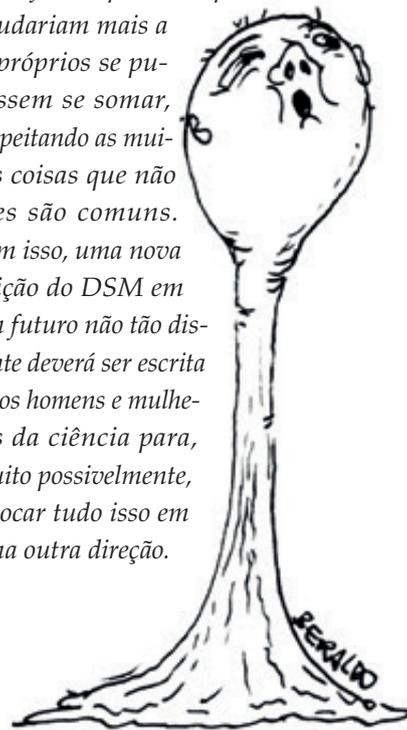
Resumindo, ainda que possa ter existido razões da ciência, foram, sem dúvida, as razões da política e da economia que impulsionaram as mudanças que estamos discutindo nos critérios diagnósticos. Os esforços poderiam ter sido dedicados à alteração da legislação em questão, de modo a incluir a população Asperger nas proteções da IDEA, mas isso envolveria lobby do mais alto nível em Washington. E o lugar dos Asperger dentro do conceito do autismo, embora ainda não oficial, já existia e era bem estabelecido. Fazia, portanto, todo o sentido pensar em uma revisão dos critérios diagnósticos.

Vamos agora para 2021, no Brasil. O que isso tudo nos trouxe?

Alguns ganhos são óbvios: a população autista ganhou número, peso, influência e representatividade. Isso trouxe e continua trazendo grandes ganhos para todos os segmentos do espectro. Famílias de autistas leves e graves, autistas leves, ou os antigos Aspergers, têm sido os grandes protagonistas nessa história. Muito mais do que qualquer um de nós, profissionais, são eles quem tem impulsionado as mudanças políticas e culturais que estamos observando.

Por outro lado, vemos também uma profunda divisão. Uma divisão, infelizmente, hostil. A tentativa de uniformizar as reivindicações e o discurso entre os extremos opostos do espectro tem apenas enfraquecido a todos. Não há um discurso comum para necessidades tão diferentes. O que tem que haver é respeito às diferenças de visão e às diferentes demandas. O autista leve não representa o autista grave ou seus interesses, não importa o quanto grite por isso. Da mesma forma, as famílias de autistas graves não conhecem as dores e desafios daqueles no quadro leve.

Ajudariam mais a si próprios se pudessem se somar, respeitando as muitas coisas que não lhes são comuns. Sem isso, uma nova edição do DSM em um futuro não tão distante deverá ser escrita pelos homens e mulheres da ciência para, muito possivelmente, colocar tudo isso em uma outra direção.

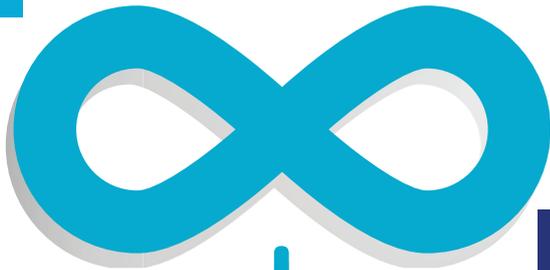




SOPHIA MENDONÇA

é jornalista, escritora, apresentadora e mestranda em comunicação social. Foi diagnosticada autista aos 11 anos, em 2008. Mantém o site "O Mundo Autista" no Portal UAI, é autora de sete livros, incluindo "Outro Olhar" e "Neurodivergentes".

@autista_mundo
 Mundo Autista
 mundoautista.selmaevictor/
 @mundo.autista
 omundoautista.com.br



15 DE JUNHO

Em debate, o Dia do Orgulho Autista

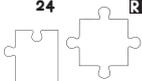
Quando o autismo entrou na sua vida? Na maioria das vezes foi a partir de então que ele começou a existir para as pessoas. Entretanto, em 1906, o psiquiatra Plouller introduziu o termo em estudos da demência, em 1911 o termo "autismo" foi empregado pela primeira vez pelo psiquiatra suíço Eugen Bleuler e, em 1943, o autismo foi descrito pela primeira vez como um distúrbio, pelo médico Leo Kanner.

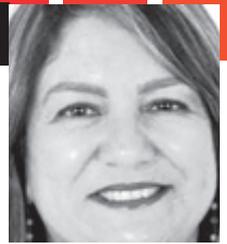
O autismo aparece no DSM-I (sigla em inglês para a primeira versão do Manual

de Diagnóstico e Estatística dos Transtornos Mentais), datado de 1952, como um sintoma da "Reação Esquizofrênica, tipo infantil", categoria na qual são classificadas as reações psicóticas em crianças com manifestações autísticas (APA, 1952).

Mais tarde, em 1980, referindo-se a uma categoria diagnóstica, ou melhor, uma subcategoria dos

Transtornos do Desenvolvimento, o autismo foi descrito e incorporado ao Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM-III, sendo adicionado à Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID), da Organização Mundial da Saúde, em 1993. Já a síndrome de Asperger foi identificada pela primeira vez em 1944 e incorporada pela Associação Americana de Psiquiatria em 1993. Em 2013, a quinta edição do manual (DSM-5) criou a denominação Transtorno do Espectro Autista (TEA), que englobou a síndrome de Asperger e o autismo em um mesmo "guarda-chuva" de diagnósticos (o que acontecerá também com a nova versão da classificação de doenças, a CID-11, que passará a valer no início de 2022).





é jornalista, radialista, youtuber, escritora e especialista em comunicação e gestão empresarial. Foi diagnosticada com TEA (transtorno do espectro do autismo) em 2016. Mantém o site "O Mundo Autista" no Portal UAI. É autora de três livros.

Portanto, é tudo muito novo, do ponto de vista da cronologia histórica. É preciso conhecer para entender melhor e acabar com o preconceito e o capacitismo.

No ano passado, o Plenário do Senado brasileiro decidiu, por unanimidade, que o dia 18 de junho seria destinado à comemoração do Dia Nacional do Orgulho Autista, seguindo a mesma data do Dia Mundial do Orgulho Autista, criado em 2005, numa iniciativa do grupo britânico Aspies for Freedom.

Bastou, então, um "cumpra-se" e o orgulho autista estava garantido para toda a sociedade? Não é bem assim. O enfrentamento a comportamentos e britânico estruturais precisam, sim, do respaldo da lei, mas garantir a transformação social positiva é mais que isso. É necessário ética.

Num país em que o conceito de ética anda desmoralizado e banalizado, é bom que retomemos sua essência. Ser ético é saber conviver, ter bom senso e respeito ao próximo, à diversidade. É entender que é dela – da diversidade humana – que nasce a criatividade e todas as possibilidades de evolução. Não há como aprender e, consequentemente, crescer se todos forem rigorosamente iguais, como cópias de si mesmos.

Ter ética não é cercar-se de um conjunto de regras prontas, engessadas. A ética nasce do conflito que nos leva a questionamentos e descobertas, não do confronto que acirra pontos de vista passionais e, em sua maioria, obtusos. Mais que nunca é necessário aprender e exercer o diálogo, o debate. A ética nasce do debate, das reflexões que datam como o Dia do Orgulho Autista nos convidam a fazer. Precisamos debater sobre

o novo, para construirmos o melhor caminho. A ética é, pois, a arte da convivência.

Neurodiversidade

O termo neurodiversidade foi criado em 1998 pela socióloga Judy Singer. Ela e o jornalista Harvey Blume foram responsáveis por popularizar o conceito de variações naturais no cérebro humano de cada indivíduo em relação à sociabilidade, aprendizagem, atenção, humor e outras funções cognitivas.

Para a neurodiversidade não há um "normal" neurológico a que todos devam aspirar e corresponder, e sim variações tão múltiplas e complexas quanto os genes, ecossistemas e

O termo neurodiversidade foi criado em 1998 pela socióloga Judy Singer

espécies existentes na natureza. Esse é um motivo de orgulho, não de vergonha ou sofrimento. Hoje, ativistas pela neurodiversidade vão além, e defendem que a neurodiversidade deve ser considerada uma categoria social tanto quanto etnia, gênero, classe socioeconômica etc. E mais: em um contexto profissional, pode ser compreendida como vantagem competitiva.

Um outro viés

Muitas famílias, no entanto, consideram que o movimento pela neurodiversidade ignora as pessoas que lutam com autismo severo. É uma discussão complexa, com argumentos válidos em ambos os lados. Nesta hora, precisamos ter acesso a informações confiáveis e utilizar o avanço tecnológico a nosso favor para fugir das tão nocivas *fake news*.



A fisioterapeuta Karlen Pargel tem dois filhos de 12 anos, gêmeos que estão dentro do TEA. Eles explicam o motivo do orgulho de ser autista:

Caio: “Tenho orgulho porque sou esperção na corrida”.

Enzo: “Sinto orgulho porque sou muito inteligente na matemática”.

Estaremos, desse modo, preparados para um debate que considere todo o espectro.

Uma pessoa pode ser autista mas, definitivamente, ela não é o autismo. É preciso entender que nem todos se comunicam da mesma forma para que haja a reivindicação de novas ferramentas de comunicação. Só assim, vamos defender a inclusão legítima de todas as formas humanas de ser e de se expressar. Exemplo disso é o pernambucano Pedro de Lucena, 22 anos, autista não oralizado que trilhou o seu próprio caminho e se tornou um escritor com o auxílio da comunicação alternativa. 📌

“Sou a Joyce Rocha, 28 anos, com diagnóstico fechado há 7 anos. Sou cofundadora da startup aTip, cujo objetivo é criar pontes entre as pessoas neurodiversas e o mercado de trabalho. Sou UX designer, com foco na acessibilidade digital. Tenho orgulho de ser autista, que é mais uma característica em mim, como tenho orgulho de ser mulher, preta e lésbica. Sinto orgulho da minha história, da minha vivência e, portanto, tenho orgulho do autismo pois ele faz parte disso tudo. Eu não sou o autismo, mas o autismo é parte de mim. Sem essa característica eu perderia bastante peculiaridades de minha identidade, com minhas habilidades e imperfeições.”



Renata, mãe de uma adolescente autista, Divinópolis, MG: “Não consigo pensar em orgulho de autismo. É um transtorno que traz desgastes enormes para as famílias e para as pessoas que o têm. Na maioria das vezes, o autismo vem acompanhado de comorbidades que agravam ainda mais o quadro. Luto todos os dias, com todas as minhas forças, para superar esse transtorno, como ter orgulho dele? Jamais! Tenho orgulho da minha filha e não do autismo!”

Vozes do orgulho autista. Ou não.



Bethania, mãe do Rafael Braz, de Sete Lagoas, MG: “Olá, sou mãe de um adolescente com diagnóstico de autismo severo, e espero que ele tenha respeito pela sua condição, reconhecida a sua necessidade de um tratamento adequado e acolhimento social. (...) Certamente, 18 de junho é uma data importante para o diálogo com a sociedade sobre a neurodiversidade. Aos poucos vamos construir uma sociedade fraterna e amorosa.”



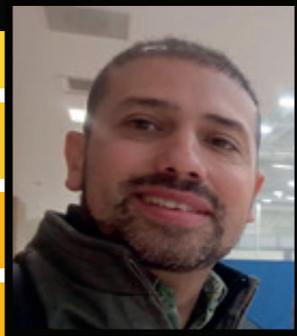


“Sou Naty Souza, autista diagnosticada na vida adulta. Sou palestrante, ativista e escritora. Para mim, orgulho autista é a visibilidade e reconhecimento das potencialidades autistas. É mostrar que a singularidade do espectro nos torna diversos para levar a sociedade a ter um olhar positivo sobre autismo.”



“Sou Milena Yamamoto. Atualmente com 31 anos, fui diagnosticada autista com 28. Sou fundadora da iniciativa Inclusão Humanizada, embaixadora do Autismo Tech e ‘membra’ do AutInc, eu adoro buscar soluções para a inclusão de autistas no mercado de trabalho. Acredito que, acima de tudo, ter orgulho autista é ter orgulho de quem você é enquanto ser humano. Além disso, é também valorizar seus pontos fortes e reconhecer defeitos. Ultimamente, tenho me concentrado em conscientizar a população por meio da desmistificação do estereótipo autista a fim de que mais autistas possam levar uma vida profissional tranquila, sem medo de se assumir autista no ambiente de trabalho.” (@milena.yamamoto; @inclusãohumanizada).

Vicente Cassepp-Borges, 39 anos, é doutor e professor universitário da Universidade Federal Fluminense em Volta Redonda, na área da psicologia. Ele é, ainda, pesquisador sobre a psicologia do amor. Vicente não gosta da expressão “orgulho autista” pois, para ele, todos são iguais. A percepção do professor é de que o excluído pela sociedade é quem celebra essa diferença. O professor completa que “o autismo dá a ele ‘coisas’ boas e ruins”. Como exemplo, cita o fato de que o autismo possibilitou a ele sair direto da graduação para o doutorado, sem passar pelo mestrado, na Universidade Federal de Brasília - UnB. Enfim, para o professor, ser autista é simplesmente ter uma característica diferente que não traz vergonha e nem orgulho à pessoa neurodiversa. (YouTube: CientifiCaliente)



“Sou Priscila, 57 anos, recentemente diagnosticada com autismo leve, mãe de duas moças, de 28 e 24 anos, a mais nova também autista. Sou bióloga e psicanalista, atuo com abordagem terapêutica não ortodoxa, mas holística, espiritualista e reencarnacionista. O orgulho autista é importante porque somos muitos e precisamos sair da invisibilidade. No meu caso, o orgulho é recente porque só hoje tenho a percepção de ter conseguido, apesar das muitas dificuldades, estudar, trabalhar muito e criar minhas filhas. Hoje consigo olhar para as vitórias que tive e não para as expectativas frustradas ou cobranças do passado, por um padrão neurotípico de ser, vindas de uma sociedade cruel para quem foge desse padrão esperado.” (priscilagaspar@terra.com.br; <https://www.somostodosum.com.br/m.asp?i=5190>)

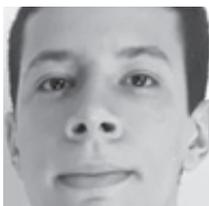


Vander Silveira, 54 anos, diagnosticado em 2020, de Curitiba, PR: “Num primeiro momento, vem um sentimento de discordância de ‘dias comemorativos’. Eu sempre tive dificuldade com datas alusivas, inclusive aniversários. E quanto ao ‘orgulho’ do dia, também não consigo entender. Pois somos - cada pessoa - singulares e cada qual com seu próprio orgulho. Entretanto, a data deve ser usada para que possamos ser vistos e ouvidos.”

#RESPECTRO

Tudo que podemos ser

Ilustração: @lucaskseinhuk



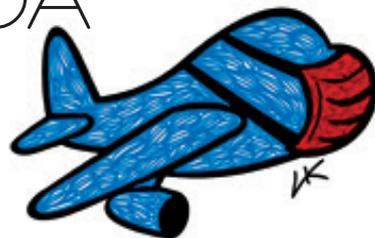
Nícolas Brito Sales

Nícolas Brito Sales

tem 22 anos, é fotógrafo, palestrante e escritor. Desde 2011, juntamente com sua mãe, Nicolas percorre vários lugares para dar palestras sobre como é ser autista e estar inserido na sociedade. Em janeiro de 2016, Nicolas deu início, como freelancer, em seus trabalhos de fotógrafo, profissão que ele pretende seguir. Em 2014, foi coautor do livro "TEA e inclusão escolar - um sonho mais que possível". Em 2017, Nicolas lançou seu próprio livro, "Tudo o que eu posso ser", no qual conta suas experiências, o que pensa e como vive em sociedade.



INFLUÊNCIA DA PANDEMIA



Hoje, eu vou falar sobre autismo adulto na pandemia, sendo mais específico, sobre o meu autismo e a influência que a pandemia teve sobre ele.

Acho que a maioria de vocês sabe que eu já falei de autismo na pandemia, mas agora eu gostaria de falar um pouco sobre o que aconteceu comigo, em meio a esse tempo de minha vida adulta.

Antes da pandemia, quando não precisávamos ficar isolados, eu e minha família fazíamos palestras com muita frequência, estávamos sempre na estrada, de carro, ou em aeroportos, viajando de avião. Nós sempre tivemos a oportunidade de conhecer várias pessoas de culturas e costumes diferentes. Sempre fomos recebidos com muito carinho em suas cidades, em suas famílias, para participarmos dos eventos sobre autismo.

Essas experiências de viajar, encontrar pessoas, falar nas palestras, me ajudavam bastante, pois além de conhecermos vários lugares, a gente também conversava com as pessoas que nos recebiam, e eu tinha a oportunidade de me socializar em vários momentos. Isso me ajudou muito a trabalhar o meu processo de aquisição vocabular e me fazer uma pessoa mais social com os outros. Além de tudo isso, também experimentávamos diversas comidas típicas, que inclusive me ajudavam no processo de melhorar minha seletividade alimentar.

Mas, por que eu estou contando isso? Bom, eu não sei se vocês sabem, mas quando eu era criança, eu tinha um autismo mais severo. E desde aquela época, eu sempre fui incentivado pelos meus pais a me comunicar e socializar de alguma forma, até conseguir evoluir para um autismo, digamos assim, mais moderado.

Pois bem, vários anos se passaram e veio a minha fase de palestrante, e isso trouxe muitos desafios, mas, depois de muitos anos socializando, eu sentia que minhas dificuldades diminuía cada vez mais, até que acabei chegando na forma mais leve do autismo.

Só que existe um "porém" nessa história: com a pandemia e a necessidade de ficar em isolamento, além da falta de contato social, fora o da minha família, eu sinto que acabei regredindo. Eu voltei ao autismo moderado, estou com mais estereotípias, sinto-me com falta de raciocínio com pensamentos mais imaturos e atitudes imaturas. E devo confessar que isso me deixou muito preocupado, mas sei também que não é o fim do mundo. Ainda tenho muita coisa pra aprender nessa vida e sei que, no meu tempo, eu chegarei lá. Espero realmente, do fundo do coração, evoluir novamente para o grau leve de autismo e recuperar todas as minhas habilidades. E eu também espero o mesmo para todas as famílias e para todas as pessoas com autismo.

RED AZUL LATINOAMÉRICA

A união dos países da América
Latina no 2 de abril

Neste ano, uma união de entidades da América Latina, incluindo o Brasil, montou uma rede unificada para o Dia Mundial de Conscientização do Autismo, 2 de abril. A Revista Autismo propõe que tenhamos um tema único para toda a América Latina em 2022, com países tão semelhantes em suas necessidades em relação ao autismo.

A Red Azul Latinoamérica emitiu uma mensagem única para a data:

“Neste 2 de abril, Dia Mundial de Conscientização do Autismo, nos unimos, em toda América Latina, para somar nossos olhares e nossas vozes, em uma única mensagem: ‘As

pessoas na condição do espectro autista têm os mesmos direitos que as demais. Quando incluímos e respeitamos outras formas de entender e sentir, descobrimos novas formas de nos comunicar e melhoramos o mundo de todos.”

A Revista Autismo, através da colaboração de Elyse Matos, do Instituto Ico Project, coletou a resposta de todas as entidades para as seguintes perguntas:

A. Quais são as principais ações sociais?

B. Quais são as principais necessidades das pessoas do espectro do autismo e suas famílias em seu país?

Veja a seguir as respostas e mais informações de cada instituição participante da Red Azul.

NOVO CURSO

ABA FUNCIONAL

Abordagem Educacional em Pirâmide

A
Abordagem Educacional
em Pirâmide
O Guia da ABA Funcional

Objetivos Funcionais - Sistemas de Reforço - Utilizar Objetos - Atendimento e Correção Erros - CCB e Alternativas - Comunicação e Habilidades Sociais - Estratégias de Ensino - Generalização

Andy Bondy, Ph.D.

2 dias de Curso

Maiores informações:
www.pecs-brazil.com

Luz y Esperanza por el Autismo

Representada por Heymi Martínez

Objetivos: Envolver e conscientizar a sociedade, promover a capacitação de profissionais em diversas áreas para melhorar o diagnóstico, tratamento e seguimento da condição. De mãos dadas com a família, promovemos a criação de leis, assim como a inclusão escolar e a inserção no mercado de trabalho, por mais qualidade de vida, respeito a seus direitos e inclusão social.

República Dominicana: Educação, inclusão, proteção, oportunidades para que as pessoas possam ter uma vida produtiva.

 @luzyesperanzaautismo



Fundación Manos Unidas por Autismo

Representada por Odile Villavizar

Objetivos: Oferecemos um serviço integral (intervenção precoce, fonoaudiologia, terapia ocupacional, aprendizagem e inserção na vida laboral e produtiva para adultos). Acompanhamos as famílias, através da escola de pais e grupos de apoio. Promovemos a inclusão, em especial de jovens e adultos.

República Dominicana: Inclusão real nas escolas, centros de capacitação vocacional e ocupacional de adultos e jovens, inclusão no mercado de trabalho, planos adaptados aos alunos com TEA nas universidades.



Fundación Autismo Aruba

Representada por Carolina Span

Objetivos: criar conscientização e defender os direitos e as necessidades das pessoas autistas e suas famílias. Promover a inclusão.

Aruba: proteção social e na área de educação. Aceitação e inclusão no mercado laboral.

 Fundación Autismo Aruba
 @fundacionautismoaruba



Programa Argentino para Niños, Adolescentes y Adultos con Condiciones del Espectro Autista

Representado por Sebastián Cukier

Objetivos: Colaborar com associações de familiares e autistas para conscientizar a sociedade e por políticas públicas, capacitação de profissionais, pais e cuidadores e assistência para avaliação diagnóstica, assessoria e intervenções. Linha de pesquisa para melhorar a qualidade de vida das famílias, em conjunto com pesquisadores da América Latina, associações e universidades.

Argentina: as necessidades em nosso país são: educação inclusiva, inclusão social, participação na comunidade, igualdade de oportunidades e garantia de direitos

 @panaacea
 /Panaacea
 Panaacea
 www.Panaacea.org



!Soy Autista y Qué!

Objetivos: Dar suporte à qualidade de vida das pessoas com autismo. Realizamos e promovemos campanhas de conscientização, eventos culturais e executamos oficinas informativas. Nossa associação realiza apoio social e ajuda humanitária, especialmente para casos de vulnerabilidade de pessoas com autismo ou deficiência.

Peru: Necesitamos de leis a favor das pessoas com TEA, educação inclusiva, inclusão laboral, além de um país informado e consciente do transtorno.

 /Soy Autista Y Que
 @soyautistayque
 www.soyautistayque.org/



Fundación Visibilia

Representada por Paola Jelonche

Objetivos: Promover a visibilidade das pessoas com deficiências, neurodiversidade ou em situação de vulnerabilidade em geral e no espectro do autismo em especial. Promover a acessibilidade da comunicação e informação. Fomentar a inclusão social e pertencimento comunitário.

Argentina: Os temas são os mesmos já indicados por outros amigos argentinos.

 @visibiliaeeditor
 /fundacionvisibilia
 www.fundacionvisibilia.org
 @fundacionvisibilia



LICA - Liga Colombiana de Autismo

Representada por Edith Betty Roncancio M.

Objetivos: Transformar práticas de exclusão da população no espectro autista, dando visibilidade em seus potenciais e necessidades para desenvolver seus projetos de vida com a finalidade de obter igualdade de oportunidades no exercício de seus direitos. Eixos de ação: articulação política; acompanhamento e empoderamento das pessoas com autismo e suas famílias; transferência de conhecimento - pesquisa.

Colômbia: barreiras de acesso à saúde (diagnóstico, intervenção, desconhecimento de profissionais). Educação (matrícula, escolas não provêm os apoios e ajustes)

www.ligaautismo.org

[/Liga Autismo Colômbia](https://www.facebook.com/LigaAutismoColombia)

[@ligaautismo](https://www.instagram.com/ligaautismo)

TGDpadresTEA

Objetivos: Atuando desde 2017, o "grupo promotor" (base inicial do TGDpadres) objetiva ajudar autistas e familiares desde o diagnóstico de autismo; difundir e informar a sociedade; conscientizar sobre o rastreio e intervenção precoces, abordagens terapêuticas e recursos disponíveis; empoderamento das famílias; capacitação de profissionais; promover inclusão e integração; influenciar o desenvolvimento de políticas públicas e defender direitos. Nenhum participante do grupo é político-partidário.

www.tdg-padres.com.ar

Autismo Rancagua

Representado por Karime Moraga

Objetivos: Oferece terapia a mais de 90 crianças e adolescentes, o enfoque principal é fornecer ferramentas aos pais ou cuidadores para que sejam co-terapeutas e, também, oferecer ferramentas para prepará-los para uma vida independente.

Chile: necessitamos com urgência de leis e políticas públicas para o autismo. Necessitamos um país mais inclusivo.

[/Autismo Rancagua comunidad](https://www.facebook.com/AutismoRancaguaComunidad)

[@Autismo_Rancagua](https://www.instagram.com/Autismo_Rancagua)

Instituto Ico Project

Representado por Elyse Matos

Objetivos: Eliminar os estigmas na sociedade com relação ao autismo através de conhecimento e capacitações é o propósito que guia nossas ações. Atualmente, nossa principal ação de impacto social é o financiamento, implantação e disseminação do Programa de Treinamento de Pais e Cuidadores da OMS e Autism Speaks no Brasil, de forma gratuita para a população e dentro do sistema único de saúde (SUS).

[f Instituto ico project](https://www.facebook.com/institutoico)

[@institutoico](https://www.instagram.com/institutoico)

www.icoProject.com.br

Nome: Fundación Visión Azul

Representada Tatiana Carrillo

Objetivos: empoderamento de pais no processo de desenvolvimento integral e garantia de direitos dos autistas..

Colômbia: Inclusão na educação e mercado de trabalho, intervenção de qualidade e acompanhamento familiar.

[@vision_azul](https://www.instagram.com/vision_azul)

[/fundacionvisionazul](https://www.facebook.com/fundacionvisionazul)

QUANTIDADE DE ESPECIALISTAS EM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA AINDA NÃO ATENDE A TODA A DEMANDA.

Academia do Autismo lança pós-graduação em autismo.

Já é sabido que nos últimos anos os casos de autismo no Brasil têm aumentado consideravelmente. As razões vão desde as possibilidades de diagnóstico, mais acessíveis e disseminadas, a motivos que a ciência ainda não tem uma explicação definitiva.

Fato é que, mesmo com o passar dos anos, com muita mobilização e envolvimento de entes privados e públicos na disseminação de conteúdo sobre TEA, o número de profissionais especializados em TEA ainda está aquém da demanda dos estimados mais de 2 milhões de indivíduos com autismo no território nacional.

A experiência de quem conseguiu se capacitar é de falta de agenda para novos atendimentos, como no caso da psicóloga Chaloê Comim, hoje Gerente de Ensino da Academia do Autismo, uma das maiores instituições de ensino sobre TEA no Brasil:

“Quando saí da faculdade não tinha muita certeza de qual área seguiria, mas sempre fui uma entusiasta da ABA, a Análise do Comportamento Aplicada. Depois de um evento que presenciei, do total despreparo de uma equipe inteira de profissionais responsáveis pelo atendimento de um aluno com TEA, decidi que este seria meu foco. O que aconteceu na sequência foi que quanto mais avançava em minha especialização no Transtorno do Espectro Autista, mais minha carreira tomava clareza, e mais minha atuação como terapeuta começou a gerar resultado para as famílias que atendia.”



CHALOÊ COMIM
Gerente de Ensino da
Academia do Autismo

Um relato parecido é o do Psicólogo Fábio Coelho, fundador da mesma instituição, que começou sua capacitação em TEA após se deparar com a falta de profissionais capacitados para atender seus dois filhos que haviam sido diagnosticados recentemente.

Fábio foi tão longe a partir dessa lacuna que, não apenas se capacitou, mas já conta com mais de 20 mil alunos treinados pela instituição que fundou com sua esposa, a assistente social e psicopedagoga Mayara Coelho.

“Hoje estamos direcionando os esforços da nossa instituição, que tem em seu DNA um grande foco prático, para a formação

acadêmica de profissionais da saúde e educação que, quando muito, têm 2 horas de aula sobre autismo em toda a graduação. Médicos precisam saber mais sobre TEA, terapeutas precisam saber mais sobre TEA, educadores precisam saber mais sobre TEA.

A demanda é enorme e nos últimos 5 anos organizamos uma pós-graduação com o melhor que pudemos reunir, com uma carga horária de 600 horas, para entregar aos profissionais que querem se especializar em TEA, uma formação de altíssima qualidade”, complementou Fábio.



FABIO COELHO
Psicólogo e Fundador da
Academia do Autismo

Referências de todo o Brasil são unânimes em dizer que a atuação no TEA requer uma formação contínua. Novas informações surgem com frequência ao passo em que novas pesquisas revelam novas descobertas. Infelizmente, a internet, de forma geral, muitas vezes é um mar raso de informações, não raramente perigosas. Faz-se, por isso, ainda mais necessário buscar formação em instituições sérias e que se baseiem em evidências científicas.

Neste mês de maio a Revista Autismo e a Academia do Autismo selaram uma parceria neste sentido: promover ampla divulgação de cursos de especialização confiáveis, como a Pós-graduação em Transtorno do Espectro Autista, para profissionais que busquem capacitação.

“Temos a alegria de levar aos leitores da Revista Autismo a possibilidade de ingressarem na nossa turma da Pós-graduação em Transtorno do Espectro Autista, uma formação feita em parceria com a FAEESP, por uma instituição focada exclusivamente no TEA há mais de 6 anos, que é a Academia do Autismo. Nossos professores são grandes referências nacionais e que, com muita alegria posso dizer, têm vivência prática no consultório. Isto nos orgulha muito, pois dá o tom da tradição que mantemos desde o começo, de proporcionar capacitação que promova a transformação prática na vida de nossos filhos, alunos ou pacientes autistas.”

Todas as informações sobre a pós-graduação em TEA da FAEESP e da Academia do Autismo podem ser encontradas no endereço: pos.academiadoautismo.com.br

Seja **Especialista em TEA** e torne sua clínica ou consultório uma **referência.**



PÓS-GRADUAÇÃO EM Transtorno do Espectro Autista

Avaliação e intervenção baseada em evidências.

LAURA
MANSUR

Dra. ODILA
MANSUR

FÁBIO
COELHO

Dr. DJAMA
FREITAS

Dra. CAROLINA
QUEDAS

VALÉRIA
SANTOS

FERNANDA
CARNEIRO

MARIA ELISA
FONSECA

MÓDULOS

DISCIPLINA 1

Professor(a) responsável: Laura Mansur

NOME: Contextualização e Critérios Diagnósticos.

MÓDULO 1 - História do Autismo no Mundo;

MÓDULO 2 - Sinais de alerta para o Transtorno do Espectro Autista (TEA);

MÓDULO 3 - Diagnóstico de TEA;

MÓDULO 4 - Dúvidas frequentes.

DISCIPLINA 2

Professor(a) responsável: Dra. Odila Mansur

NOME: Desenvolvimento infantil e Intervenção precoce.

MÓDULO 1 - Neurodesenvolvimento típico;

MÓDULO 2 - Transtorno do Espectro Autista (TEA);

MÓDULO 3 - Identificação Precoce de Riscos para Autismo (TEA);

MÓDULO 4 - Intervenção Precoce no Autismo (TEA).

DISCIPLINA 3

Professor(a) responsável: Fábio Coelho

NOME: Avaliação e Planejamento das Intervenções derivadas da Análise do Comportamento Aplicada (ABA).

MÓDULO 1 - Análise do Comportamento aplicada ao TEA;

MÓDULO 2 - Ensino de tentativas discretas;

MÓDULO 3 - Estratégias de ensino naturalísticas;

MÓDULO 4 - Estudos de caso.

DISCIPLINA 4

Professor(a) responsável: Dr. Djalma Freitas

NOME: Neuropsicologia.

MÓDULO 1 - Princípios fundamentais da Neuropsicologia;

MÓDULO 2 - Desafios enfrentados nas Avaliações Neuropsicológicas aplicadas ao TEA;

MÓDULO 3 - Instrumentos neuropsicológicos usados na avaliação dos TEA;

MÓDULO 4 - Manejos Comportamentais na avaliação neuropsicológica aplicada ao TEA.

DISCIPLINA 5

Professor(a) responsável: Fábio Coelho

NOME: Habilidades sociais.

MÓDULO 1 - Habilidades sociais e TEA;

MÓDULO 2 - Avaliação das habilidades sociais;

MÓDULO 3 - Ensino de Habilidades sociais;

DISCIPLINA 6

Professor(a) responsável: Dra. Carolina Quedas

NOME: Desenvolvimento motor e Avaliação no Transtorno do Espectro Autista

MÓDULO 1 - Desenvolvimento motor em bebês e sinais precoces de autismo;

MÓDULO 2 - Desenvolvimento motor na infância e adolescência;

MÓDULO 3 - Desenvolvimento motor na fase adulta;

MÓDULO 4 - Avaliações motoras aplicadas no TEA.

DISCIPLINA 7

Professor(a) responsável: Valéria Santos

NOME: Linguagem e Comunicação Alternativa.

MÓDULO 1 - Desenvolvimento da Comunicação Oral e os Transtornos da Linguagem Oral na infância;

MÓDULO 2 - Abordagem fonoaudiológica no TEA;

MÓDULO 3 - Comunicação Aumentativa Alternativa;

MÓDULO 4 - Como se tornar um parceiro de Comunicação eficiente.

DISCIPLINA 8

Professor(a) responsável: Fernanda Carneiro

NOME: Terapia Ocupacional e Reorganização Sensorial.

MÓDULO 1 - A Teoria de Integração Sensorial de Ayres;

MÓDULO 2 - Compreendendo As Disfunções de Integração Sensorial;

MÓDULO 3 - Regulação Sensorial e Estratégias;

MÓDULO 4 - O Conhecimento do Desempenho Ocupacional e suas alterações.

DISCIPLINA 9

Professor(a) responsável: Maria Elisa Fonseca

NOME: Educação Inclusiva e Ensino Estruturado.

MÓDULO 1 - Falando de autismo e estrutura;

MÓDULO 2 - O ensino estruturado;

MÓDULO 3 - Modelo TEACCH;

MÓDULO 4 - Sistemas Visuais e Materiais Adaptados.

DISCIPLINA 10

Metodologia científica.

MÓDULO 1 - Metodologia da pesquisa 1

MÓDULO 2 - Metodologia da pesquisa 2

MÓDULO 3 - Metodologia da pesquisa 3

MÓDULO 4 - Metodologia da pesquisa 4

Faça parte do grupo de pós-graduandos da **Academia do Autismo no Whatsapp**, onde integrará uma rede de profissionais de todo o Brasil, que se especializarão e se tornarão referências juntos.

Tenha o seu Artigo de conclusão de curso publicado na primeira edição do livro: **"Transtorno do Espectro Autista - Atualidades VOL.1"**, pela Academia do Autismo.

Faça parte da primeira pós-graduação em TEA do Brasil, organizada por **uma das maiores instituições focadas exclusivamente no Transtorno do Espectro Autista** em todo o território nacional.



CERTIFICADO
Carga horária:
600h / 12 meses

Matricule-se!
pos.academiadoautismo.com.br

Trabalho no Espectro



Marcelo Vitoriano

é psicólogo, especialista em terapia comportamental cognitiva em saúde mental, mestre em psicologia da saúde. Desde 2015 faz parte do grupo de trabalho sobre Direitos Humanos nas Empresas da rede brasileira do Pacto Global da ONU e é diretor geral da Specialisterne no Brasil, organização social de origem dinamarquesa presente em 20 países, que atua na formação e inclusão de pessoas com autismo no mercado de trabalho.

Ilustração @ _tangg_

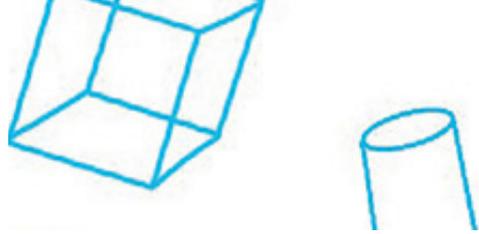


GRUPOS DE AFINIDADES: ALIADOS NA NEURODIVERSIDADE

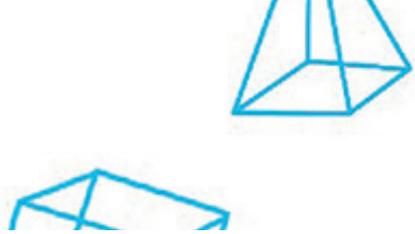
As empresas que estruturam ações efetivas de diversidade e inclusão – chamadas D&I –, buscando a representatividade de nossa sociedade em seus quadros de colaboradores e, para além disso, a equidade de oportunidades de crescimento profissional para todas as pessoas, têm encontrado na criação de grupos de afinidade um aliado importante para o estabelecimento de uma cultura de respeito e valorização do diverso.

Os grupos de afinidade podem ser tipificados por gênero, raça, LGBTQI+, pessoas com deficiência, entre outros. Esses grupos têm por objetivo gerar o engajamento de colaboradores que se identifiquem por características pessoais ou por serem aliados a determinadas causas que veem ali representadas. Os grupos promovem sistematicamente fóruns e reuniões para propor ações que visem engajamento, troca de experiências e fortalecimento das diferentes temáticas de D&I.

As pessoas autistas estão representadas nestes grupos? Infelizmente ainda não. Mas, temos algumas experiências importantes na valorização da neurodiversidade, como as praticadas pelas empresas Johnson



grupos de afinidade colaboram para uma inclusão de qualidade



& Johnson e IBM, que compartilhamos aqui:

A Johnson & Johnson possui o ADA (Alliance for Diverse Abilities) – grupo de afinidades que atua em três pilares: pessoas com deficiência, saúde mental e autismo –, criado para garantir que os colaboradores com habilidades diversas pudessem ter acesso às ferramentas necessárias para o seu dia a dia de trabalho, além de se sentirem pertencentes e confortáveis na companhia.

“Na Johnson & Johnson, temos como ponto principal uma cultura de inclusão e equidade. No nosso caso, contribuimos com iniciativas voltadas para talentos com habilidades diversas. A educação na temática das neurodiversidades, a atração e o desenvolvimento de talentos neurodiversos são partes importantes das ações pragmáticas que realizamos para assegurar a conscientização à nossa comunidade. A inclusão de talentos autistas contribui de maneira significativa para o desenvolvimento de todos dentro da companhia. Também são iniciativas-chave do nosso grupo de afinidade a educação e a conscientização sobre o TEA (Transtorno do Espectro Autista) e o acolhimento dos nossos funcionários e cuidadores de autistas. Oferecemos todos os benefícios para as famílias, bem como troca de experiências,” – destaca Carla Silveira, líder do pilar de autismo do ADA.

Já a IBM criou um grupo de afinidade em neurodiversidade, e em outras áreas de inclusão. Esses grupos são formados por funcionários voluntários que debatem assuntos de interesse, compartilham experiências para ampliar o conhecimento e sugerem ações para promover o respeito e contribuir para um ambiente mais diverso e inclusivo.

Desde 2019, com o apoio da Specialisterne – consultoria especializada na formação e capacitação de pessoas com autismo e sua inclusão no mercado de trabalho –, a IBM tem trabalhado com a inclusão de profissionais autistas dentro das áreas de tecnologia e consultoria.

“Iniciamos o projeto com uma primeira onda de contratação e atualmente estamos indo para a terceira. O programa tem sido

muito bem sucedido, e isso nos levou a pensar em uma forma de expandir as discussões sobre o tema para toda a organização. Nesta linha, a criação do grupo de afinidade torna-se chave para este objetivo. A criação do grupo de afinidade de neurodiversidade no Brasil reforça o compromisso de diversidade e inclusão da IBM em promover a igualdade de oportunidades e criar um ambiente saudável onde todos possam se sentir acolhidos e respeitados. O nosso grupo tem a missão de aumentar a conscientização no tema e prover aos nossos colaboradores neurodivergentes e aliados uma ferramenta de suporte, desenvolvimento e networking.” – esclarece Roberto Santejo, líder do grupo de afinidade de neurodiversidade da IBM Brasil.

Além disso, Santejo reforça que “à medida que ampliamos o conhecimento sobre o tema, as barreiras são reduzidas, sejam vieses, preconceitos ou processos. Todo esse processo de aprendizado permite que as pessoas ou áreas envolvidas se transformem em um ambiente cada vez mais inclusivo. Como resultado, prepara a organização para ampliar sua demanda por profissionais neurodiversos. Queremos diferenciar inclusão de integração (...) O que buscamos é a inclusão. Nosso ambiente organizacional precisa estar preparado para receber os profissionais independentemente de suas diferenças.”

Iniciativas como as da Johnson & Johnson e da IBM abordam o tema autismo e neurodiversidade como um pilar essencial a ser considerado pelos programas de diversidade e inclusão, trazendo o protagonismo para as pessoas com habilidades diversas, familiares e aliados.

“Trabalhar na IBM abriu portas que eu nunca pensei que se abririam na minha vida profissional. Hoje sou um profissional satisfeito e realizado, graças à oportunidade de trabalhar na IBM”, declara Rodolpho Molina, colaborador IBM, que ingressou na companhia através do Programa de Neurodiversidade Specialisterne.

“Fui consultor da Specialisterne, trabalhei em algumas empresas e hoje estou na Johnson & Johnson. A companhia mantém um programa de diversidade incrível com o

ADA, não só em relação ao autismo, mas em vários outros aspectos, o que me interessou bastante. Essa oportunidade tem sido muito importante para a minha carreira e para a minha vida”. afirma Felipe Yoshio.

“Transformando o invisível em prol da sociedade. Esse é o meu conceito para a parceria Specialisterne e Johnson & Johnson (Projeto Spectrum). De um lado, o credo da Johnson & Johnson nos ensina que ‘devemos desenvolver um ambiente de trabalho inclusivo, onde valorizamos cada pessoa como ela é, sendo considerada como um indivíduo.; devemos respeitar sua diversidade e dignidade .reconhecer seu mérito’. Do outro, a Specialisterne oferta formação técnica e age como sócio laboral para indivíduos no espectro autista. Quem poderia conectar os dois lados? Claro, o Thiago! Desta forma, minhas habilidades e competências tornaram-se visíveis para o mercado de trabalho. Consequentemente, somente aos 30 anos, com o primeiro emprego, consigo sonhar com a minha autonomia e independência. Sabe quem se beneficia? A sociedade. Graças à diversidade e inclusão garantimos a equidade, ou seja, a diferença é valorizada!”, enfatiza Thiago Menezes.

Estes depoimentos reforçam, de forma clara e objetiva, o quanto os grupos de afinidade colaboram para uma inclusão de qualidade, contribuindo para que as organizações sejam mais inovadoras, com equipes mais produtivas, diversas e engajadas.



PAULA AYUB

é psicóloga clínica, terapeuta de família, diretora do Centro de Convivência Movimento - local de atendimento para autistas -, autora de vários artigos e capítulos de livros, membro do GT de TEA da SMPED de São Paulo e membro do Eu me Protejo (Prêmio Neide Castanha de Direitos Humanos de Crianças e Adolescentes 2020, na categoria Produção de Conhecimento).

foto: depositphotos



#RESPECTRO

VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA CRIANÇAS E PESSOAS COM DEFICIÊNCIA: UM ASSUNTO DE SAÚDE PÚBLICA

EU ME PROTEJO

projeto Eu me Protejo, iniciado em 2018 pela jornalista Patrícia Almeida, trouxe à luz uma preocupação que muitos mantinham em silêncio: a violência sexual contra crianças e pessoas com deficiência. Patrícia é mãe de Amanda, uma jovem com síndrome de Down e autista, preocupada em encontrar formas de ensinar sua filha a proteger seu corpo de outras pessoas.

Surgiu então a primeira versão do que seria a cartilha “Eu me Protejo”. Pouco a pouco, Patrícia foi reunindo profissionais de várias áreas, em diferentes estados do Brasil e no exterior, contando hoje com mais de 50 profissionais voluntários. A proteção contra a violência foi pauta de longas conversas. Com desenhos de compreensão universal



e linguagem simples, a cartilha explica as partes do corpo e as partes íntimas, aquelas em que ninguém pode tocar sem a permissão da pessoa.

Nesse contexto, no ano de 2020 chegou uma doença que assolou o planeta. Um vírus desconhecido que voava livre pela sociedade infectando pessoas, levando muitas delas à morte. “Fiquem em casa” foi a ordem da Organização Mundial de Saúde, além do uso de máscaras e higienização das mãos. Muitas pessoas se recolheram aos seus domicílios e aguardaram que o vírus fosse combatido em curto espaço de tempo. Infelizmente essa história ainda não acabou.

Dentro de casa, pessoas estudando em EAD, aumento do desemprego, a exaustão pelo uso contínuo de telas, a necessidade de buscar meios para esse uso, e milhares de pessoas sem acesso à internet, além da interrupção dos atendimentos às pessoas com deficiência e autistas. Esses são ingredientes que tivemos (e continuamos a ter) para um aumento significativo da violência contra mulheres, crianças e pessoas com deficiência.

Segundo a revista *Piauí*, de 21 de abril de 2021, com dados de 2019, a cada hora temos quatro crianças sofrendo violência doméstica. A cada 15 minutos há uma criança sendo espancada ou violentada sexualmente. A violência sexual é o quarto maior índice quando falamos de violência contra a criança, segundo informações da *Childhood Brasil*. O índice é ainda maior quando falamos de violência contra pessoas com deficiência. Em maio de 2020, a CNN Brasil apontou um aumento de 47% das denúncias no Disque 100 – canal de atendimento que recebe, analisa e encaminha denúncias de violação dos direitos humanos para os órgãos responsáveis – ocorridas entre abril de 2019 e maio de 2020.

Diante de tal cenário, a resposta, além de políticas públicas urgentes para acompanhar os casos denunciados e evitar esse aumento, é a informação.

Atualmente, o grupo colaborativo *Eu me Protejo* tem um site onde oferece uma cartilha em português, usando linguagem simples, com versões em libras, áudio descrição, espanhol, inglês, música e peça de teatro: ações totalmente pautadas na educação preventiva.

Em março de 2020 o Eu me Protejo auxiliou

na campanha do uso de máscaras e, também em linguagem simples, procurou ilustrar para crianças pequenas e pessoas com deficiência o que é o vírus e como se proteger dele.

O Eu Me Protejo acredita que a solução do problema é evitar que ele ocorra. Quanto mais pais, professores, pediatras e profissionais da saúde divulgarem que a informação salva vidas, mais crianças serão protegidas.

A cartilha não é sobre gênero ou sobre sexualidade, é sobre conhecer seu próprio corpo e suas partes íntimas e como evitar que pessoas não confiáveis possam fazer coisas que causam desconforto ou vergonha. É sobre reconhecimento, respeito e se sentir dono de seu próprio corpo.

Um segundo ponto, não menos importante, é sobre o reconhecimento de sinais que possam indicar que a criança ou pessoa com deficiência esteja sofrendo violência. Toda e qualquer mudança brusca de comportamento – como insônia, ou hipersonia, diminuição ou aumento exagerado do apetite, hematomas pelo corpo, muitas quedas sem motivo, agressividade, isolamento, aumento ou surgimento de comportamentos de automutilação (puxar os cabelos, por exemplo), baixa no rendimento escolar – pode indicar que a criança esteja sofrendo violência física e/ou sexual. Um sinal é apenas um sinal, um conjunto deles indica que uma investigação mais cuidadosa precisa ser feita. Para pessoas e crianças autistas, o aumento dos SIB (self injurious behavior, ou comportamento auto lesivo, em português) de forma exagerada pode ser um sinal a ser avaliado mais de perto.

O site www.eumeprotejo.com oferece informações sobre a prevenção e os caminhos de denúncia e abre espaço para possíveis encaminhamentos. O Disque 100 vem trabalhando de forma bastante eficiente, encaminhando muitos casos denunciados.

Se você sabe de alguma criança que esteja sofrendo maus tratos, denuncie. Você pode salvar vidas. Disque 100, a denúncia é anônima. ➡



**CONTEÚDO
EXTRA ONLINE**
Use o QR-code que
está no índice desta
edição para ir ao site.

A cartilha é sobre conhecer seu próprio corpo



C • A • N • A • L

AUTISMO

#RESPECTRO

VEJA ALGUNS DESTAQUES RESUMIDOS DO CANAL AUTISMO, QUE PUBLICA CONTEÚDO DIÁRIO SOBRE AUTISMO. PARA LER OS TEXTOS COMPLETOS DE CADA NOTÍCIA, ACESSSE O SITE CANALAUTISMO.COM.BR

Revista Autismo estreia novo site: CanalAutismo.com.br

Desde o último mês de abril, o Canal Autismo é o novo site da Revista Autismo. Com conteúdo diário a respeito de autismo — muitas vezes com mais de uma publicação por dia — este é o maior canal de conteúdo a respeito de autismo da América Latina. Abrigando não só a revista, o Canal permite expandir outras iniciativas (analógicas e digitais) do grupo, como os congressos online, o ESA (programa de Empreendedorismo Social com foco no Autismo), os

ebooks gratuitos (como o recente guia impresso e digital “Dicas de atividades para crianças, especialmente as autistas, fazerem em casa”, feito em parceria com o Instituto Mauricio de Sousa) e muito mais ações, sempre voltadas à nossa missão: disseminar informação de qualidade a respeito de autismo.

Acesse CanalAutismo.com.br e fique informado sobre o que acontece de mais atual a respeito de todo o ecossistema ligado ao Transtorno do Espectro do Autismo.



Saiba mais no canalautismo.com.br

Instituto Mauricio de Sousa e Revista Autismo lançam guia com dicas de atividades para autistas

Numa iniciativa conjunta, o Instituto Mauricio de Sousa e a Revista Autismo lançaram o guia “Atividades para as crianças, especialmente as autistas, fazerem em casa”, impresso e digital, patrocinado pela Academia do Autismo, com diversas dicas de atividades que estimulam o

desenvolvimento das crianças e um olhar especial para as que estão no espectro do autismo. O objetivo é orientar e dar ideias para as famílias que estão em isolamento social por conta da pandemia do novo coronavírus.

Todas as dicas de atividades foram cuidadosamente

planejadas pelo Centro Neuro Days, um centro de avaliações neuropsicológicas que faz atendimentos por valores sociais, de acordo com a situação socioeconômica e personalizada para cada família, com profissionais que atuam em grandes universidades como Unifesp e USP.

Autista é escolhido para presidir a Reunida-Autismo pela 1ª vez



A Reunida-Autismo — Rede Unificada Nacional e Internacional pelos Direitos dos Autistas — anunciou no último dia 1º de junho seu novo presidente: Fábio Cordeiro, 41 anos, autista e ativista da causa, “para exercer o papel de liderança, dar voz e trabalhar em prol de toda a

comunidade do autismo, contribuindo com sua perspectiva e visão — de alguém que vê o mundo do lado de dentro do espectro — e atuando para para que a maneira de existir das pessoas autistas seja respeitada com mais equidade, sem preconceito e sem intolerância”.

Saiba mais no canalautismo.com.br



O guia com dicas de atividades pode ser baixado no novo site da Revista Autismo: CanalAutismo.com.br.

Universitários autistas criam coletivo de apoio na USP

Estudantes universitários autistas da Universidade de São Paulo (USP) criaram, em maio deste ano, o Coletivo Autista da USP. O projeto tem o interesse de garantir apoio para a permanência de estudantes autistas dentro da universidade. O coletivo foi criado pelas estudantes Giulia Jardim Martinovic e Girlene Cavalcanti Novo. Giulia explicou que há uma evasão de autistas na universidade e que ela enfrentou dificuldades. Por isso, o coletivo também

oferecerá atendimento psicológico ministrado pelo psicólogo Magno Jonas Ribeiro. "É algo que muita gente sentiu falta, sabe? Um lugar (por enquanto online) que você pode conhecer outros autistas, entender que você não é estranho, ter outras pessoas como você, sabe?", destacou ela.



Saiba mais no
canalautismo.com.br



A gente sempre leva o melhor para você

Nossa parceria continua!

Acreditamos na importância e necessidade da disseminação de informações sobre o tema **autismo** e, principalmente no momento em que estamos vivendo, contribuir para a distribuição gratuita dessa revista, reforça todo o nosso cuidado com os colaboradores, clientes, parceiros e com a **sociedade em geral**.

É uma grande satisfação
fazer parte dessa ação!

WWW.JAMEF.COM.BR

 /JAMEFENCOMENDASURGENTES

 JAMEF ENCOMENDAS URGENTES

 /JAMEFTRANSPORTES

 @JAMEF_ENCOMENDAS_URGENTES

Tismoo.me lança sua 2ª fase e abre convites



A primeira rede social do mundo dedicada ao autismo, Tismoo.me, lançou uma nova versão do seu aplicativo inaugurando a segunda fase do projeto, em que todas as pessoas que já estão na rede podem enviar convites aos amigos que queiram criar sua conta no app. Se você não tem seu convite, acesse o site tismoo.me e solicite o seu!

Caminho Azul realiza 2ª Congresso, desta vez, online

A Associação Caminho Azul, do Rio de Janeiro (RJ), realiza o 2º Congresso Internacional e 2º Encontro Internacional para os Transtornos do Espectro do Autismo, desta vez, totalmente online (por motivos óbvios), nos dias 19 e 26 de junho de 2021. Segundo Caio Abujadi, médico psiquiatra da infância e adolescência, cofundador da Associação Caminho Azul, trata-se de um movimento em prol do conhecimento em que todas as esferas e ambientes relacionados podem manifestar-se em um único local. “Novamente, grandes pesquisadores internacionais ligados a universidades renomadas, como Yale, Boston, Emory, Bordeaux, South Carolina e outras, vêm nos prestigiar com seus trabalhos inovadores, divisores no entendimento das questões que envolvem os autistas e seus ambientes”, contou Abujadi.



18 de Junho
Dia do Orgulho Autista

Torne

comum

a diferença

Azulcargo Mais barato do que você pensa.
Express Mais rápido do que imagina.

www.azulcargoexpress.com.br | Central de Atendimento: (11) 4003-8399



Projeto da Associação Caminho Azul



Saiba mais no
canal [autismo.com.br](https://www.youtube.com/canalautismo.com.br)



Elon Musk revela publicamente ser autista

Elon Musk, CEO da Tesla e fundador da SpaceX, revelou ser diagnosticado com autismo em uma edição do "Saturday Night Live" do último 8 de maio. Um dos homens mais ricos do mundo, Musk disse ser o primeiro autista a apresentar o programa, uma das atrações de maior audiência da televisão estadunidense. "Ou pelo menos o primeiro a admitir isso", brincou ele.



UniTEA, CONSTRUINDO O FUTURO HOJE!

Trabalhamos pela inclusão em todos os âmbitos sociais, promovendo cidadania, educação e empoderamento das pessoas com autismo e suas famílias.

JUNTE-SE A NÓS NESTA CAMINHADA!



(54) 3538.0171



unitea.com.br



contato@unitea.com.br



(54) 99269.1651

Nos acompanhe nas
redes sociais



[@institutounitea](https://www.facebook.com/institutounitea)



[@institutounitea](https://www.instagram.com/institutounitea)



UniTEA -
Unidos pelo Autismo



[@unitea-autismo](https://www.linkedin.com/company/unitea-autismo)

Instituto
UnITEA



FRANKLIN FAÇANHA

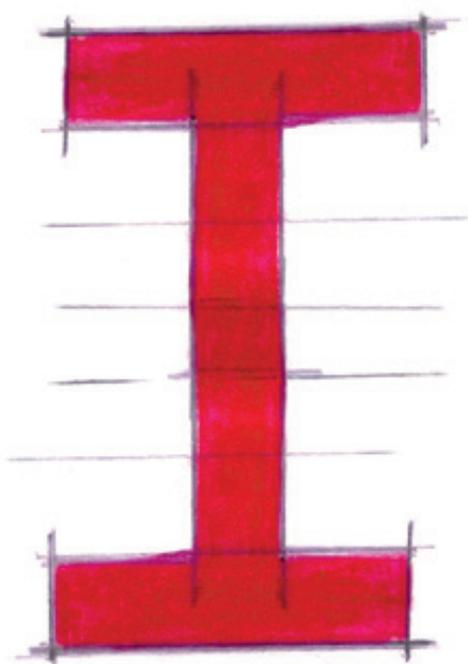
é professor universitário e consultor educacional, pesquisador em direito e educação inclusiva, advogado cível e empresarial, com *master in law (LL.M)* em direito corporativo, especializado em direito do consumidor, direito e processo civil, em docência e metodologia da pesquisa científica e em neuroeducação e especializado em informática educativa.

#RESPECTRO

ALFABETIZAÇÃO, AUTISMO E EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Entre o mundo real e o ideal

Ilustração: Samanta Paiva



Importante é lembrar que para cobrar algo é necessário conhecer esse algo. Cada autista tem suas próprias peculiaridades, sendo necessário um acompanhamento multidisciplinar integrado com a escola. Ocorre que esta, de longe, é a realidade de muitas famílias brasileiras de pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) em idade escolar. Pois bem, entre o mundo real e o mundo ideal existe uma distância muito grande.

Neste contexto, o processo de alfabetização de uma criança típica é completamente diferente do processo de uma criança atípica, haja vista suas peculiaridades dentro do espectro. Somente os profissionais que possuem capacitação e um olhar treinado, baseado em evidências científicas, serão capazes de intervir na educação e tratamento de pessoas com autismo, por serem capazes de reconhecer tais peculiaridades e propor as adaptações necessárias para garantir o ensino-aprendizagem na escola regular.

Como dito, o ideal e o real nem sempre caminham juntos, e esta é

no Brasil. Mas, será que você sabe os princípios da educação inclusiva? Sabe por que não conseguimos aplicar o modelo de inclusão total? Sabe como se dá o modelo de integração entre métodos terapêuticos e metodologias de ensino na alfabetização? Como aplicar a metodologia ABA na escola?

Pois é, os professores do ensino regular, da educação básica e das outras etapas de ensino, também não sabem, pois isto não faz parte da formação acadêmica, tanto no

ensino superior quanto no magistério. O professor não é uma máquina, nem uma fonte inesgotável de conhecimento, capaz de registrar e guardar informações por tempo indeterminado, muito menos precisa ter conhecimento de todas as técnicas de alfabetização para suprir peculiaridades de cada aluno. Será que todos os professores da educação básica precisam ter formação em ABA, sistema Braille, ou língua de sinais? Impossível!

Professores, vocês são heróis da educação, mas precisamos reconhecer que todos temos limites, e que não dá para imputar culpa àqueles que estão na base de sustentação do ensino!

Cabe lembrar, que nem todo

autista é leve, que nem toda família possui formação superior, que nem todo autista possui tratamento multidisciplinar, e que autismo não é romance! Ou seja, temos uma situação que precisa ser analisada por todos os aspectos, mas, se estamos falando de autistas, vamos reduzir esta discussão ao nosso universo, que é apenas nosso!

A Lei Berenice Piana, de 2012, que criou a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com TEA, a Lei Brasileira de Inclusão, de 2015, e a nossa Constituição Federal, de 1988, garantem plenamente o direito de pessoas com autismo frequentarem a escola regular. Garantem também a obtenção de diagnóstico precoce,

Será que todos os professores da educação básica precisam ter formação em ABA, sistema Braille, ou língua de sinais? Impossível!



tratamento multidisciplinar, acompanhante especializado na escola, Atendimento Educacional Especializado (AEE) em Sala de Recursos Multifuncionais (SRM) em contraturno escolar, entre outros direitos. Tudo isso está no texto da lei, mas será que todos os autistas conseguem acessar esses direitos? Não! Logo, para cada autista na escola regular seria ideal um professor assistente, especialista em autismo, para garantir o processo de ensino-aprendizagem e o aproveitamento dos conhecimentos ministrados na sala de aula regular. Será que nós temos esses profissionais para todos os autistas em idade escolar? Não!

Ou seja, trata-se de uma conta simples: há mais autistas na escola do que profissionais capacitados para suprir as necessidades do processo educacional. Portanto, se a conta não fecha, então não serão todos os autistas a se alfabetizarem? Não!

Será que o erro está na forma de ensinar? Ou na metodologia de ensino? Nenhuma das perguntas possui uma resposta única, mas, em se tratando de alfabetização, são muito difundidas as metodologias que utilizam a psicogênese da escrita e a consciência fonológica para alfabetizar e letrar crianças. Isso significa que treinos de ligação fonética, que são aqueles que utilizam o: “/b/ com /a/, faz /ba/, /b/ com /é/, faz /bé/”, ainda são utilizados no ensino regular até hoje. Precisamos pensar em mudar, se está dando certo? Pode dar certo para crianças típicas, mas nem sempre funciona para crianças atípicas.

Um profissional especializado em autismo e alfabetização

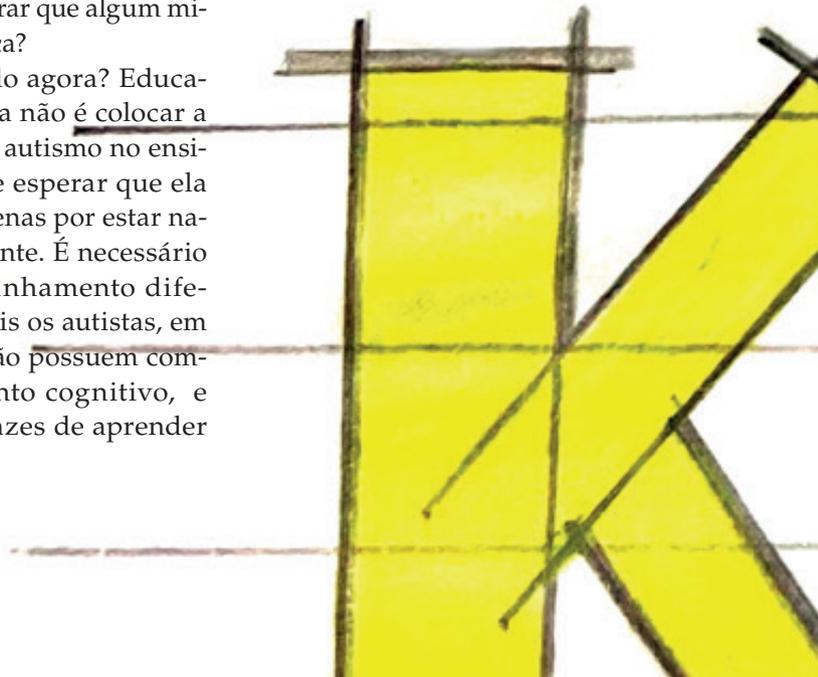


Tudo isso está no texto da lei, mas será que todos os autistas conseguem acessar esses direitos?

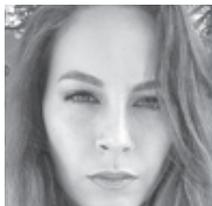
pode ser capaz de reconhecer e entender os motivos dos desvios na aprendizagem, fazer adaptações, quando necessárias, garantir o aprendizado da criança com autismo e colocá-la novamente no rumo do ensino regular. Logo, será que estamos preocupados com este processo de ensino-aprendizagem, ou apenas em colocar a criança na escola e esperar que algum milagre aconteça?

Faz sentido agora? Educação inclusiva não é colocar a criança com autismo no ensino regular e esperar que ela aprenda, apenas por estar naquele ambiente. É necessário um acompanhamento diferenciado, pois os autistas, em princípio, não possuem comprometimento cognitivo, e são tão capazes de aprender

quanto qualquer criança. Mas, para isso, é preciso saber como ensinar a criança com autismo. Assim, o trabalho integrado, multidisciplinar e individualizado com os autistas poderá contribuir com o processo de alfabetização e demais etapas do ensino regular, proporcionando o que as leis buscam garantir: a educação efetiva e inclusiva! 🚩



Liga dos Autistas



Joana Scheer

é designer, webdesigner e social media. Membro da Liga dos Autistas, Vozes do Autismo e administradora da página "Ela é Autista" no Facebook.



-  @elaeautista
-  @joanascheer
-  @liga.dos.autistas
-  @vozesdoautismo
-  joanascheer.com

Ilustração:  fer.barbi.brook

MÃE E AUTISTA

Hoje em dia vemos bastante conteúdo sobre autismo, de mães sobre seus filhos, profissionais da saúde, autistas adultos, e isso é incrível. Mas, conforme olhamos mais de perto, percebemos que dentro deste público existem subgrupos ainda mais específicos. É um deles que vou abordar neste texto. Não do ponto de vista da mãe com filho autista, mas da mãe que é autista.

Diagnosticada aos 31 anos, depois de procurar desesperadamente um neurologista, eu não aguentava mais não superar expectativas (minhas ou da sociedade). Estava eu com meus filhos, sem nunca ter conseguido trabalhar e precisando de dinheiro, tendo sido passada pra trás por muita gente, sem saber andar de ônibus, sem saber receber visitas em casa, sem conseguir interagir minimamente com outras mães e, inclusive, virando alvo das rodas de conversa dessas mães por ser "antipática" ou "metida".

Desde então o que me trouxe mais alívio foi a certeza de que eu sabia para onde ir. Sem cura, mas sim a possibilidade de aprender algumas coisas, adaptar outras para que não me agridassem, e aceitar outras que fazem parte de mim e não podem ser mudadas.

Aprendi que se serve uma visita com café e bolachinhas, que para transmitir mais confiança ao falar com alguém devo deixar minhas mãos mais quietas. Adaptei a necessidade que as pessoas têm de "olhar nos olhos", e hoje, em uma conversa formal, quando a conduta administrativa pede o olhar direto, eu olho entre as sobrancelhas. Aceitei que andar de ônibus para mim não funciona. O barulho infantil me

incomoda, mas eu consigo lidar com isso usando protetores auriculares e compreendi que é uma expectativa minha querer que as crianças fiquem quietas, mas nem sempre será assim.

Ser mãe para mim é algo que eu consigo e amo fazer. A necessidade que as crianças têm de uma rotina encaixa-se com a minha necessidade de rotina. Gostamos das mesmas coisas e eu converso melhor com crianças sobre espécies de dinossauros e desenhos do que sobre a vida alheia, como geralmente é na roda de adultos. Minha maior dificuldade ainda são coisas básicas e necessárias, como ganhar dinheiro. Aprendi minha profissão sozinha, mas até o simples contato com o cliente me desestabiliza e interfere muito na minha vida. Sou incapaz de trabalhar formalmente com as surpresas que existem em uma empresa. Minha mente é como um trilho de trem. Tem um caminho específico a percorrer, e se o trem sai do trilho não dá para simplesmente colocá-lo de volta, ou criar um novo trilho ali, de repente.



Introvertendo

Ilustração:  camila_alli

Nayara
Delgado

é artista, analista de sistemas e ex-integrante do podcast Introvertendo.

-  [introvertendo](#)
-  [@introvertendo](#)
-  [introvertendo](#)
-  www.introvertendo.com.br

DIÁLOGOS INTERIORES

Funções executivas são habilidades cognitivas. Estão incorporados nessa categoria o controle inibitório, pensamento rígido, organização, planejamento, controle da execução, foco, memória de trabalho etc. Mas, você sabe como pode ser estressante para uma pessoa autista lidar com o funcionamento aquém do esperado de suas funções executivas?

Acordo: “Hummmm, adoro escurinho... puxa vou ter que sair do escurinho? Nossa... a atividade das crianças, como eu vou passar pra eles hoje? Esqueci do upload daquele arquivo... Nossa, e da aula da faculdade.”

Bate o desespero, mas me auto-regulo: “Comece com o primeiro passo... café!”

Sim, eu abro os olhos e acontece

tudo isso junto mesmo! Ali, na hora! Café! Adoro ficar sentindo o gosto das coisas, num momento “nada”. De repente, me arrancaram do “nada”. Tento preparar as coisas.

“Mãe, posso passar requeijão?”

“Requeijão? Claro!”

Pego o requeijão: “Quantos pães eu já fiz mesmo?” Olho um por um novamente pra ver qual estava pronto.

“Mãe, você assistiu ao filme do King Kong com o Godzilla?”

Eu escutei, mas não entendi uma palavra: “Qual pão já está cortado mesmo?” Olho novamente um por um: “Leite, quem quer leite?”

“Mãe, posso jogar videogame primeiro?”

“Videogame? Ok, joga primeiro.”

“Quem queria leite mesmo? Por que eu estou ficando com raiva do leite?”

“Pê ajuda a mãe, dá uma força pros seus irmãos enquanto eu preparo as aulas antes que a Nana acorde.” Entre a luta e a fuga, preferi fugir!

Vou imprimir as atividades, mas... “Nossa, agora tem agenda... e se eu



clique aqui? Tudo da mesma cor? Deveriam ser cores diferentes para dar a noção de categorias, um autista nunca faria desse jeito... Que sistema idiota! Puxa, eu poderia transcrever minhas aulas..." Salto de uma atividade para outra e começo a transcrever.

Após muitas tentativas: "Como é que eu vou transcrever isso tudo se a cada dez palavras eu esqueço cinco?"

Vou fazer pão: "Quatro ovos, três xícaras de farinha..."

"Mãe, o Pê não quer me emprestar a espada, ele está fazendo chantagem!"

"Será que vocês podem me deixar fazer o pão em paz?!"

Até o vizinho escutou: vergonha

alheia! "Quantas xícaras de farinha eu já coloquei mesmo?"

Assim meu dia vai, ou não vai, empaca. Também desempaca. Às vezes isso faz eu me perguntar se consigo ser competente, se fiz escolhas certas, se tudo vai dar realmente certo. Às vezes me deprimos, noutras, lembro que amanhã o sol estará de pé e terei uma nova chance.

O desafio é constante e desgasta, mas uma coisa eu sei: autista é fogo, a gente raramente desiste! Errou? Tenta de novo!





TIAGO ABREU

Jornalista, autista, criador
do podcast Introvertendo

f /introvertendo

ig @introvertendo

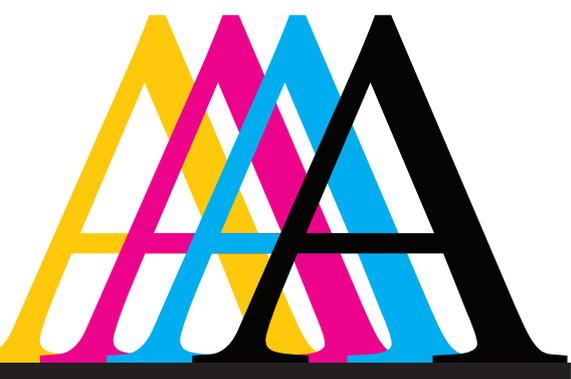
yt Introvertendo

introverso.com.br

ti @introvertendo

#RESPECTRO

ENTRE DOIS ARMÁRIOS



os 15 anos, Carol Cardoso leu uma notícia sobre um estudo que sugeria que as pessoas poderiam identificar se alguém era heterossexual ou homossexual só pelo olhar. Ela entrou em pânico ao pensar literalmente sobre o assunto. “Eu fiquei: ‘Meu Deus, então, todo mundo vai saber só de olhar pra minha cara?’”. Hoje, aos 24 anos, ela se identifica como lésbica e tem o diagnóstico de autismo desde 2018.

Para alguns autistas como Carol, o autismo aliado a questões de identidade de gênero e sexualidade compõem parte fundamental das vivências diárias. As dificuldades de interação social do autismo combinadas com a discriminação são fatores que podem tornar a vida de autistas LGBTQIA+ mais difíceis – ou, em alguns casos, apenas mais peculiares.

Ilustração: @werr.ink

Autistas LGBTQIA+
contam experiências
com sexualidade,
identidade de
gênero e autismo





Compreender-se

Assumir-se como LGBT é um grande passo para a maioria das pessoas e, quando se é autista, o processo pode ser mais complexo. Foi o caso do estudante Luca Nolasco, 20, apresentador do podcast *Introvertendo*. No episódio “Autistas LGBTQIA+”, lançado na sexta-feira, 18 de junho, ele contou que a descoberta da bissexualidade foi natural, embora ele tivesse dificuldade em construir amizades. “O desafio é fazer com que as pessoas nos aceitem como autistas e como LGBT”, contou.

Carol também se identificou com essas questões. “Demorou pra que eu realmente explorasse esse meu lado. Por muito tempo, eu ficava pensando: ‘pra eu namorar, tenho que conhecer um homem, me interessar por esse homem, começar a namorar e depois casar com este homem’. Então eu fiquei esperando esse dia chegar e ele nunca chegou (risos)”, confessou.

Dizer publicamente que é autista e assumir uma identidade de gênero ou

sexualidade são questões que não costumam necessariamente ocorrer no mesmo período. Para Carol, por exemplo, foi mais fácil aceitar o autismo do que a sexualidade pelo fato de ter vindo depois da sua identificação enquanto lésbica. Já Luca encarou a sexualidade de forma mais explícita ainda na adolescência, num período próximo ao diagnóstico, embora tenha pensado ser heterossexual durante grande parte da vida.

Identidade de gênero, sexualidade e autismo

Em 2020, um estudo (veja o link na versão online) que envolveu mais de 600 mil pessoas, constatou que traços autistas são mais frequentes em pessoas com identidade de gênero diversa, como a população trans. Outros diagnósticos, como esquizofrenia e Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH), também são provavelmente mais frequentes nesta parcela populacional.

O pesquisador e professor

A sua empresa usa o potencial da

internet para lucrar?



Nós somos especialistas em Internet e podemos te ajudar a tirar proveito disso.

Dados de Associação Brasileira de Internet estimam que, em 2016, o faturamento conjunto de todas as empresas que atuam no segmento no Brasil foi de R\$ 139,61 bilhões.

 **hostnet**

www.hostnet.com.br

Lucelmo Lacerda utilizou este e outros estudos para explicar a sexualidade como um espectro – a escala de Kinsey – e a relação de autistas com maior diversidade de sexualidade. “As pessoas com autismo têm uma sensibilidade social alterada em relação ao ambiente. Essa pressão social exercida sobre os indivíduos para que eles vivam a experiência sexual unicamente heterossexual tem menor impacto, menor incidência, menor possibilidade de controle do comportamento em pessoas com autismo do que em pessoas de comportamento típico”, disse ele em vídeo (assista na versão online).

Alek Salles tem 22 anos, é autista e se identifica como não-binário. Estudante de psicologia, Salles recebeu o diagnóstico em 2020, após ter maior contato com o autismo, acompanhando pessoas autistas na internet e, conseqüentemente, se desprender dos estereótipos difundidos na cultura popular sobre o autismo. “E descobrir que sou autista mudou tudo para mim, pois me permitiu me aceitar e saber que não tem nada de errado comigo”, afirmou.

Segundo Alek, profissionais do campo da psicologia têm uma importante função de ajudar pessoas a se autoconhecer. “Hoje em dia a psicologia tem estudado o ser humano levando em conta a diversidade como algo natural. O ser LGBTQIA+, assim como ser autista, faz parte da variação humana. Contudo, no passado não era assim, então não é todo psicólogo que enxerga dessa forma. Se você for em um e ele não acolher sua identidade, procure outro, pois esse não é um bom profissional”, destacou.

Aceitação na comunidade

Para alguns autistas, receber o diagnóstico significa pertencer a uma comunidade e fazer parte, finalmente, de grupos sociais. Pessoas com deficiência LGBTQIA+ podem fazer parte, ao mesmo tempo, de duas comunidades. Foi esse cenário que consolidou a série *Special*, da Netflix, que traz um personagem gay com paralisia cerebral como protagonista e um *casting* de

vários atores com deficiência, incluindo também um autista queer.

Eu mesmo, que estou com 25 anos, comentei o enredo da série em entrevista para um podcast sobre cinema chamado “Mosca Mecânica”, com base em minhas vivências enquanto autista e homossexual. Na conversa, relatei enfrentar dificuldades em abordar questões LGBT no autismo e, ao mesmo tempo, de trocar experiências mais ativamente entre pessoas com outras deficiências pela dificuldade de interação social do autismo.

“Eu tenho muita vontade de falar da minha sexualidade no meio do autismo, mas tenho medo de ser invalidado ou de ser reduzido à minha sexualidade como o ‘autista gay’. O meio do autismo é muito conservador em alguns aspectos, porque ainda tem um discurso mais focado na infância, das mães que falam que seus filhos são anjos azuis. Como é que você vai se inserir num meio em que as mães chamam o filho de anjo azul e você fala que gosta de beijar homens?”, questionei no episódio do podcast.

O mês de junho concentra não apenas o Dia do Orgulho LGBT (dia 28), mas também o Dia do Orgulho Autista (dia 18), em que a identidade autista é celebrada de forma semelhante a de pessoas com sexualidade diversa. Isso levanta debates sobre representatividade dentro da comunidade do autismo, geralmente compartilhada entre autistas, familiares e profissionais.

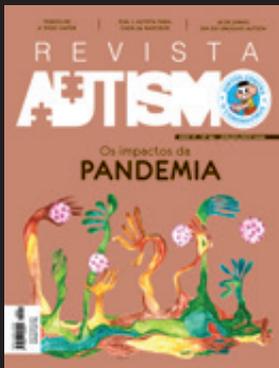
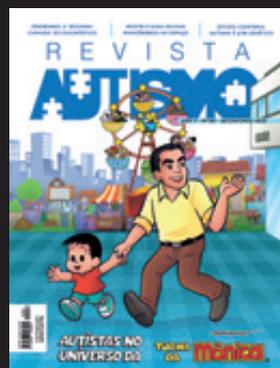
A ativista e estudante universitária Polyana Sá, 20 anos, fez reflexões sobre isso em um texto no perfil “Hey Autista” no Instagram chamado “O que eu represento?”. Nele, ela diz: “Eu não represento o autismo, eu represento uma parte do que é o autismo. Da mesma maneira que eu represento apenas uma parte das minhas outras interseccionalidades. Ninguém é capaz de representar um todo”(confira na versão online).

Os links para o estudo científico citado, além dos vídeos e podcasts estão na versão online desta reportagem no site CanalAutismo.com.br. 🇺🇦



REVISTA AUTISMO

Faça como milhares de pessoas.
Assine já e receba a **Revista Autismo** no seu endereço, pagando somente o frete e apoiando este projeto para alcançarmos mais e mais pessoas.



Acesse

assine.RevistaAutismo.com.br

7 MOTIVOS

PRA VOCÊ FAZER UM
EXAME GENÉTICO NA
TISMOO AGORA!

1 O risco de autismo é majoritariamente genético e em 81% dos casos hereditário;

2 Saber quais alterações genéticas estão envolvidas no seu caso pode viabilizar um tratamento personalizado;*

3 Existem mais de 1.000 genes diferentes associados ao autismo, sendo que 102 deles possuem maior relevância;**

4 Com o sequenciamento genético é possível identificar outras condições de saúde ou síndromes;

5 Saber quais alterações genéticas estão envolvidas no seu caso pode ajudá-lo(a) a participar de ensaios clínicos personalizados;

6 A Tismoo é o primeiro laboratório do mundo exclusivamente dedicado ao TEA e conta com uma plataforma de bioinformática, especialmente construída para o autismo;

7 Além do laudo, a Tismoo faz uma reunião pós-teste com seus especialistas e explica detalhadamente os resultados para família;

* a possibilidade ou não de um tratamento personalizado está condicionada aos achados do sequenciamento.

** Pesquisa analisou sequenciamento genético de mais de 35 mil autistas e elevou para 102 o número dos principais genes ligados ao TEA.

Quer saber mais sobre os nossos exames?

tismoo.com.br

tel. +55 11 3251 1964



cel. +55 11 95638 4178

tismoo
THE BIOTECH COMPANY

*Vale destacar que o diagnóstico de autismo é clínico e um médico especialista deve ser consultado.